

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE BELAS-ARTES  
FACULDADE DE ARQUITETURA



# **UM ESTUDO SOBRE O FUTURO DO LIVRO**

**Entre Impresso e Digital**

## **ANEXOS**

Eliana Gonçalves Gomes

Trabalho de Projeto

Mestrado em Práticas Tipográficas e Editoriais Contemporâneas

Trabalho de Projeto orientado pela Professora Doutora Sofia Leal Rodrigues

2018

- INTRODUÇÃO -

FRAG  
MEN  
TG







**‘Fragmento’** assume-se como uma desconstrução do livro através da divisão textual e física dos cadernos; é completado numa plataforma digital que pode ser vista em paralelo com o objeto impresso, para o leitor ter a possibilidade de interagir com os conteúdos exteriores aos que estão presentes nos cadernos.

Esta publicação é constituída por quatro capítulos, materializados em cadernos individuais, que abordam temáticas diferentes. Deste modo, o aspeto formal de cada objeto editorial evidencia essa diversidade: o capítulo **‘#1 – O Livro Material’** expressa as convenções que conhecemos em relação aos objetos impressos; o **‘#2 – As Editoras’** apresenta a grelha utilizada para a criação do caderno tendo como base elementos



estruturais presentes nas publicações periódicas (jornais ou revistas); o **‘#3 – O Livro Digital’** exhibe a verticalidade encontrada nos ecrãs, onde visionamos as páginas de internet em scroll infinito; o último capítulo **‘#4 – A Leitura’** joga com a orientação do texto obrigando o leitor a seguir o caminho desenhado sequencialmente para conseguir ler os excertos escritos por Katherine Gillieson, transformando a experiência de leitura.

Em cada caderno existe uma página de destaque que faculta instruções para o leitor unir os fragmentos, isto é, a união dos quatro capítulos cria um *QR-Code* (um código de barras bidimensional) que pode ser lido usando uma aplicação previamente instalada num telemóvel, ou



*tablet*, com sistema operativo *Android* ou *iOs*. O código lido pela aplicação leva o leitor automaticamente para o URL da plataforma digital ‘**Fragmento**’.

A aplicação ‘*QR Code Reader*’ para os dispositivos *Android* pode ser instalada através da loja ‘*Google Play*’ de forma gratuita. Por sua vez, os dispositivos com sistema *iOs* possuem a aplicação ‘*QR Code Reader by Scan*’, disponível para instalação na loja ‘*App Store*’.

---

O LIVRO MATERIAL

---

AS EDITORAS

---

O LIVRO DIGITAL

---

A LEITURA

---

- #1 CAPÍTULO -

# FRAAG MEH TO

#1  
O LIVRO MATERIAL





உள்ளுள்ளு

மேலே

உள்ளு



## - Introdução -

Este #1 capítulo da publicação 'Fragmento' retrata a forma como o livro se materializa num objeto físico, relacionando as características do livro impresso e as justificações dos leitores que o preferem como suporte para as suas leituras.

Importa compreender sucintamente a história do livro, a sua evolução gráfica e visual através dos materiais e das tecnologias que o acompanharam, assim como o efeito que teve nas sociedades e a sua importância para a propagação do conhecimento.

Alguns autores, como Erik Spiekermann, que defendem a continuidade do livro impresso, vão aqui ser citados e referenciados para analisar as formas de subsistência do livro impresso, tendo como rival o suporte digital onde tudo é passível de ser pesquisado e interligado aos mais diversos conteúdos.

Aqui, coloca-se em questão a continuidade do livro impresso. Importa averiguar se há justificação para este continuar a existir sendo o valor de um *e-book* mais baixo, tanto para o consumidor/ leitor como para quem o produz.

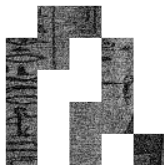


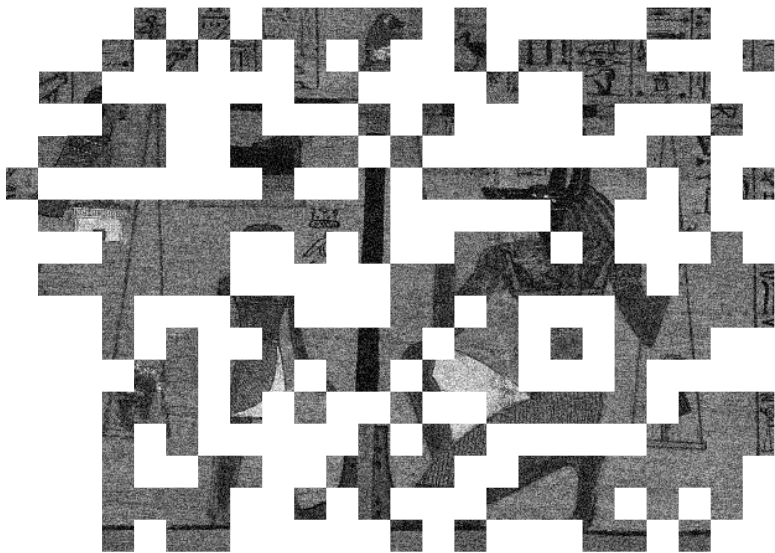
## - Índice -

- 06 ▪ **HISTÓRIA DO LIVRO**
- 14 ▪ **A DEFESA DO LIVRO IMPRESSO**
- 20 ▪ **AS SUAS CARACTERÍSTICAS**
- 27 ▪ **A CONTINUIDADE DO  
LIVRO IMPRESSO**
- 33 ▪ **REFERÊNCIAS**



O livro com o qual estamos familiarizados – o livro industrializado – é constituído por folhas de papel impresso organizadas sequencialmente pelo número de página, normalmente divididas por capítulos e posteriormente encadernadas num formato padrão. Antes do livro se apresentar da forma como o conhecemos hoje, já os nossos antepassados conviviam e faziam uso do livro em formato códice, inicialmente manuscrito, há cerca de dois milénios e meio, para tarefas administrativas.





*Book of the Dead, Papyrus of Ani, The British Museum*

---

No entanto, o formato códice – volume antigo manuscrito organizado em cadernos, unidos entre si através de encadernação – teve como antecessor o rolo de papiro, e mais tarde de pergaminho. O papiro foi desenvolvido pelos egípcios que o utilizavam, essencialmente, como suporte para as suas comunicações com os deuses e outros elementos da sociedade, agilizando os processos e os progressos civilizacionais. O aparecimento do pergaminho deveu-se ao facto do papiro ser um material muito frágil e pouco prático, e que exigia uma constante importação do Egipto, o único país que detinha a sua fabricação. Além do pergaminho ser mais resistente e produzido a partir da pele de carneiro, cabra ou ovelha, também podia ser dobrado e costurado.





A partir do século II d.C. a China consegue criar um papel mais fino e sustentável que o pergaminho. É, também, neste país que se dá a introdução da impressão tabular – a xilogravura – muito longe ainda da criação de Gutenberg.

Previamente ao advento da impressão por tipos móveis, os escribas tiveram um papel fundamental na produção de livros e na divulgação da palavra escrita pela Europa. Ainda que muitos escribas não percebessem o que copiavam, devido ao facto dos textos religiosos serem escritos em latim, grego ou hebraico, foram determinantes na difusão do saber. Quando a ávida procura de conhecimento fez com que os escribas perdessem a capacidade de produzir o volume de livros exigido, começou a equacionar-se o desenvolvimento de novos mecanismos que tornassem a produção mais rápida.

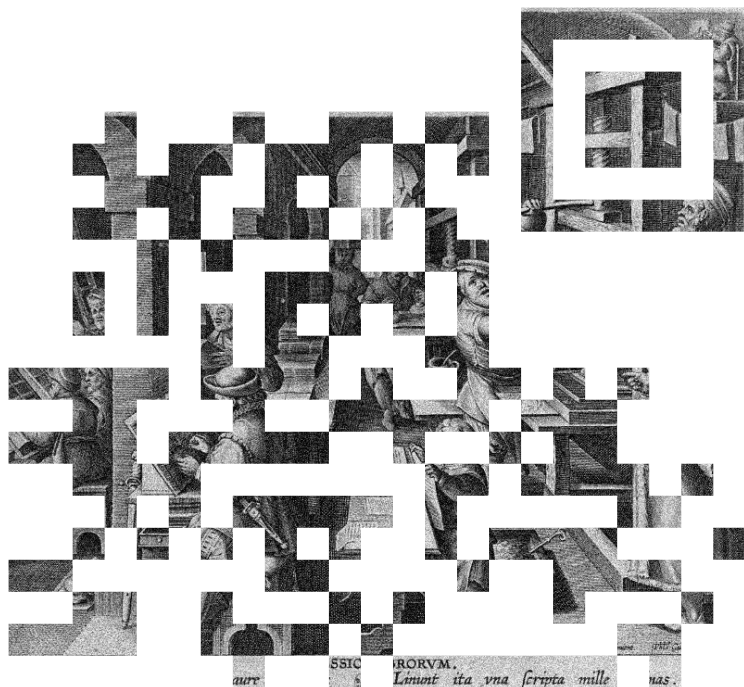






O progresso na produção de livros ocorre na Alemanha, em 1455, quando Gutenberg usa o chumbo fundido para criar tipos móveis mais resistentes do que os produzidos em madeira, e aperfeiçoa a prensa (ou prelo) que agilizou o método de produção. A sua invenção elevou não só a produção de livros, mas também proporcionou o progresso cultural – o conhecimento tornou-se acessível a outras classes da sociedade e divulgou-se mais eficazmente.





*Impressio Librorum, Biblioteca Nacional de França (BnF)*



A próxima transformação do livro dá-se com o início do mundo digital e a consequente evolução das tecnologias que passaram a estar acessíveis a todos. Desde a existência das tecnologias computacionais que os livros começaram a ser produzidos de uma forma industrializada como hoje os conhecemos.



“The impact of computerization is often compared to that of Gutenberg’s invention of printing – mistakenly so, because printing never changed the physical form of the codex, whereas computerization has already enacted a complete transformation of the way we transmit, consume and interact with texts.”

(Lyons, 2011)

---

“Writers and readers were encouraged to identify the physical book, which they held in their hands, with the text and to regard the end of the book as the end of the text.”

(Bolter, 2001)

---

As grandes evoluções tecnológicas e materiais que marcaram o progresso estrutural e a produção do livro foram simultaneamente acompanhadas pela mudança dos comportamentos de leitura; consequentemente, a relação que o leitor cria com o objeto-livro, seja este em formato impresso ou digital, também se vai alterando.

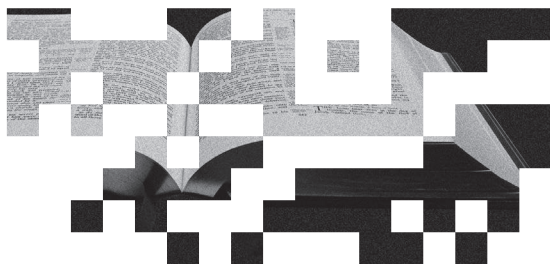


## - A Defesa do Livro Impresso -

Se os livros digitais proporcionam componentes audiovisuais e interativas além do texto, porquê continuar a imprimir livros?

A leitura de um livro impresso desperta um prazer e uma experiência estética que não é possível no ecrã de um livro em suporte digital, mesmo quando este tem aspetos similares que mimetizam o objeto impresso.


O livro impresso permite ao leitor desfrutar e refletir sobre o texto, deixa-o aprofundar e perder-se na leitura. Este tem ainda a particularidade de não necessitar de estar ligado a uma ficha elétrica, sendo apenas preciso a luz solar ou artificial para o leitor usufruir do seu momento de leitura.



“Embattled book lovers often insist that books do not need batteries, they do not get infected by viruses and when you close a book you never need to ‘save’ because you will never lose your data. The book has always been much more than a useful gadget.”

(Lyons, 2011)



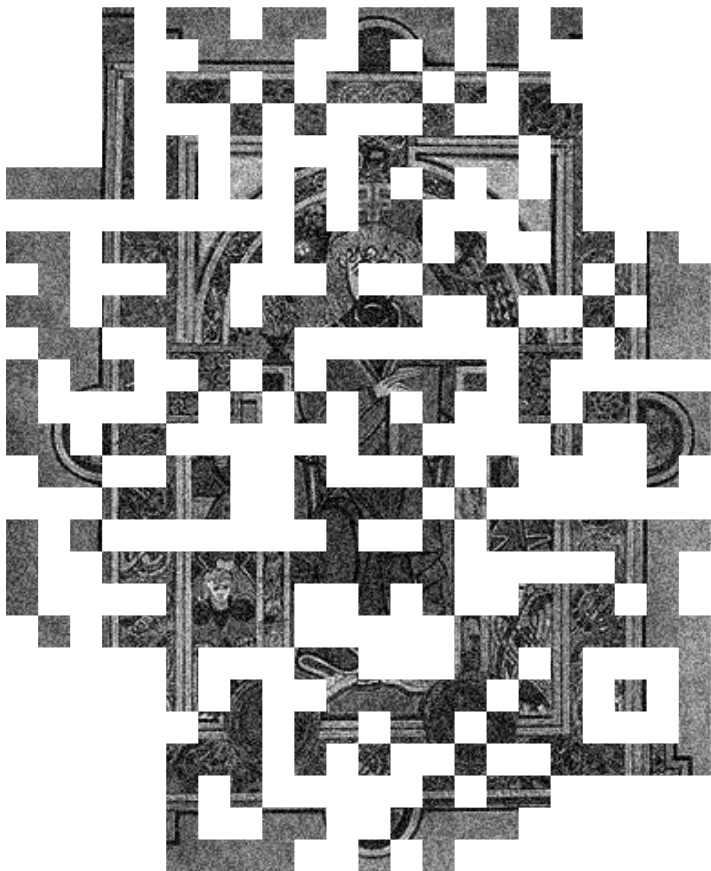
Para além do livro impresso não estar dependente de meios tecnológicos para a sua leitura poder ser feita, os leitores que o preferem baseiam a sua justificação em fatores de fácil compreensão, como a sensação de poder tocar e cheirar o próprio livro. 

O livro em suporte impresso foi evoluindo e tornou-se um objeto perfeito devido a todos os elementos que o constituem, como por exemplo o seu tamanho, o papel ou até mesmo a sua encadernação, transformando-o materialmente e concedendo-lhe capacidades para responder fácil e eficientemente às necessidades do leitor.



Outra característica importante do livro é que este está indubitavelmente associado à história da humanidade, pois foi nos livros deixados pelos nossos antepassados que tivemos o primeiro contacto com os acontecimentos que modificaram o mundo que hoje conhecemos.





*'The Book of Kells', Trinity College Library (Dublin, Irlanda)*







O livro em formato códice incute uma conclusão na narrativa que o outro suporte – o digital – não consegue transmitir, isto é, quando acabamos a leitura e fechamos o livro damos como terminada essa experiência. Foi esta inovação que o formato códice introduziu, pois antigamente com o rolo de pergaminho não era possível ter a sensação que um texto chegara ao fim. Após o advento digital, a abertura da narrativa foi recuperada e superada – podemos ter diversas interações e conteúdos multimédia que nos distraem do conteúdo textual.





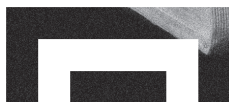
“In books lies the soul of the whole Past Time: the articulate audible voice of the Past, when the body and material substance of it has altogether vanished like a dream.”

(Thomas Carlyle, 1840)



## - As suas características -

O que caracteriza o livro impresso é simultaneamente aquilo que o torna um objeto de consumo e de desejo – a sua capacidade de renovação e de dar resposta a todos aqueles que já previram a sua morte no passado e continuam, ainda assim, a anunciá-la para o futuro.

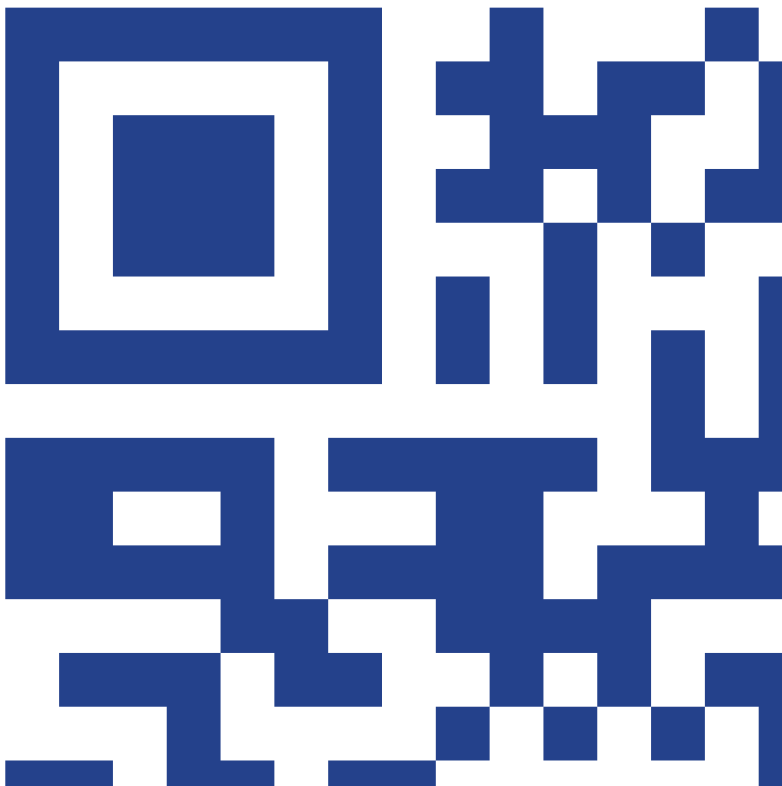


-1-

Os livros são infinitos: apesar de serem objetos impressos que se fecham e concluem uma narrativa, permitem-nos interpretar o texto sem limites, sem barreiras tecnológicas que se opõem à leitura; e deixam-nos apreciar e pensar sem impedimentos, concedendo-nos através da sua leitura a sensação de liberdade.

Unir ao capítulo #2

Unir ao capítulo #3



-2-

A leitura do livro impresso é mais fácil para os nossos olhos, pois não precisamos de exigir que o nosso sistema visual se adapte à luminosidade dos aparelhos eletrónicos, mais precisamente aos ecrãs.



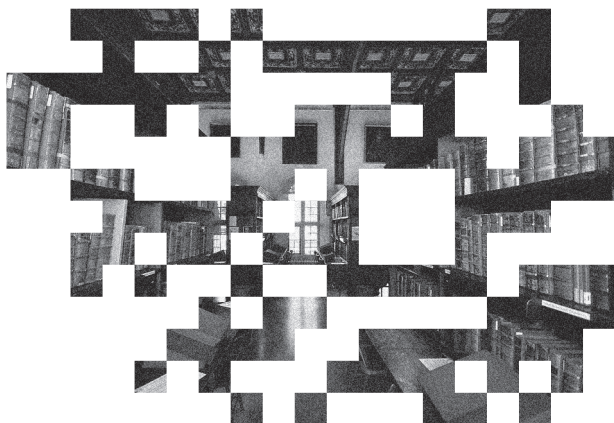
-3-

O peso e o cheiro que são características do livro impresso não são mimetizáveis no suporte digital. Embora os inventores dos *e-readers* – aparelhos de leitura digital – tenham tido em conta o peso e o tamanho mais comum de um livro impresso para a criação dos seus leitores, estes não têm a mesma usabilidade. Da mesma forma, o cheiro inconfundível de um livro impresso, ou a sensação de entrar numa biblioteca antiga e sentir o odor dos livros, não é recriável em suporte digital.



-4-

As livrarias e as bibliotecas estão repletas de livros únicos por explorar e descobrir. O espólio de cada uma é completamente diferenciado devido às edições que cada livro pode ter. As várias edições de um livro impresso são uma faceta interessante que pode ser explorada de diferentes formas: podem ter mais conteúdo textual e distinto que a edição anterior; podem ser materialmente diferentes, mas com conteúdo igual, isto é, a capa pode ir variando assim como a encadernação; ou ainda, as novas edições que são feitas em diversas línguas.



*Bodleian Library, Oxford*

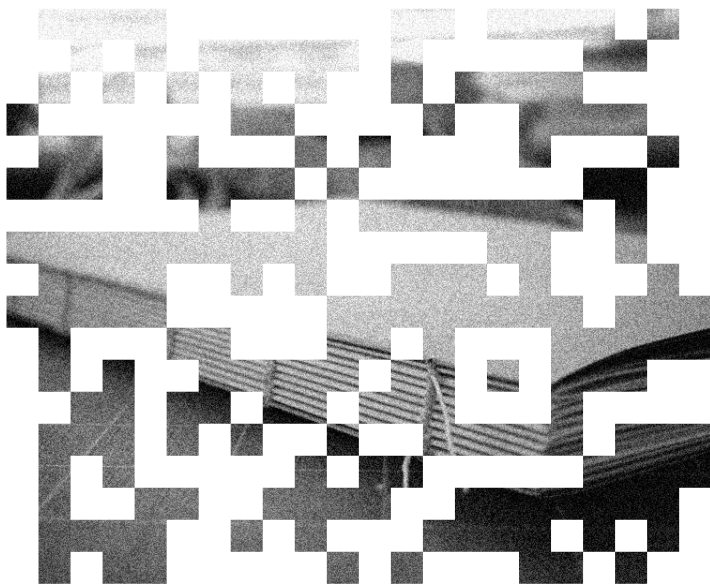




-5-

O livro impresso e as suas potencialidades criativas são uma fonte de inspiração para a maioria dos artistas, que neste objeto físico conseguem explorar toda a sua criatividade assim como expor as suas obras. Para os artistas, o livro sempre foi visto como um suporte de divulgação dos seus trabalhos e simultaneamente como obra – exemplo disso são os livros de artista que permitem a qualquer autor/ artista independente expor e partilhar as suas criações sem necessitar de recorrer a editoras.





-6-

A produção de um livro impresso está, neste momento, ao alcance de qualquer um de nós, desde que tenha os meios necessários ao seu dispor, como um computador pessoal e uma impressora. Esta proximidade com a criação do livro permite a elaboração de um processo mais experimental que se assemelha a uma espécie de laboratório químico.



## - A Continuidade do Livro Impresso -

A morte do livro impresso foi declarada diversas vezes ao longo dos anos; muitos afirmaram que a eletricidade iria acabar com o livro que conhecemos, outros conjecturaram um futuro onde estes já não existiriam – como Octave Uzanne, que previu a criação dos audiolivros muito antes de existirem, defendendo que iriam ser o futuro dos livros porque os nossos olhos já estavam cansados de ler.

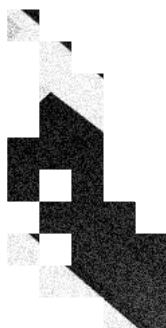
Por sua vez, o tipógrafo Erik Spiekermann assume-se um defensor do livro impresso porque o livro em suporte digital obriga-nos a compensar as possíveis falhas técnicas e não nos deixa concentrar na compreensão do conteúdo textual. Já Waeckerlé defende que os dois suportes podem coexistir, criando experiências que envolvem os leitores com os autores de uma forma dinâmica, onde se explora a tentativa e o erro.


“As long as our brain and eyes have to compensate for technical and typographic defects instead of dedicating all our brainpower to the comprehension of content, we'll need books.”

(Spiekermann, 2011)

---

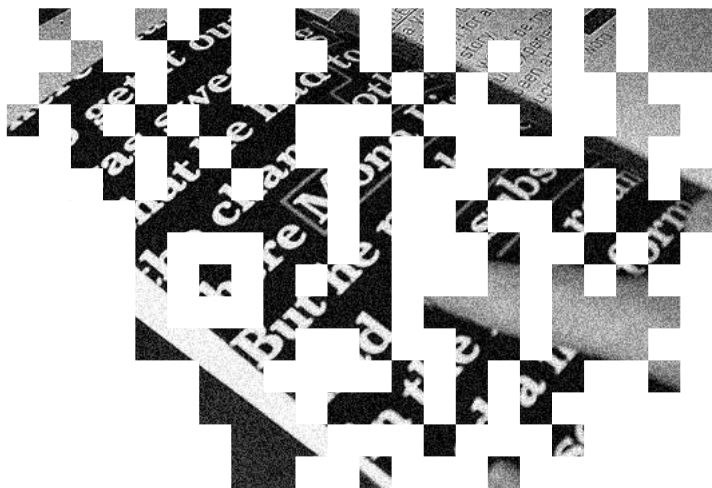
Apesar de todas as conspirações em torno do livro, hoje podemos afirmar que estas não obtiveram resultados – antes pelo contrário, continuamos a valorizá-los e a desenvolver experiências que conjugam o suporte impresso e as novas tecnologias. Não se trata de salvar o livro impresso ou de lhe dar uma segunda oportunidade, mas sim de testar os seus limites e de potenciar um suporte que pode ainda preservar muitas hipóteses de exploração.



A plataforma digital *‘Ebook Friendly’* apresenta um conjunto de criadores que desenvolveram projetos em torno do livro, mais precisamente transformando o livro impresso em algo mais, unindo as capacidades tecnológicas de um *e-book* ao suporte impresso. 



VER PLATAFORMA DIGITAL



*Blink, 2006*

---

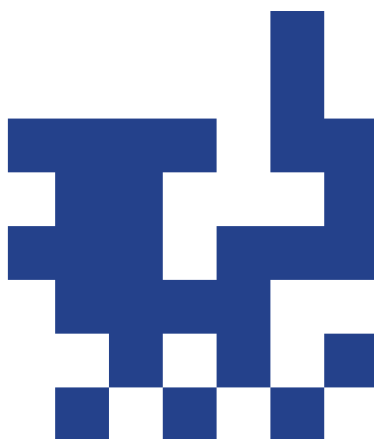
Vejamos, por exemplo, *'Blink'* de Manolis Keladis, designer no Royal College of Art em Londres: este projeto une o conceito de livro com o de ligação, sendo constituído por botões impressos com uma tinta condutora (é uma tinta que cria circuitos eletrónicos). Quando tocamos nestes botões, que são palavras com hiperligações e completamos o circuito, é enviado um sinal para um computador, através de *Bluetooth*, e neste é iniciada uma pesquisa sobre a palavra tocada no livro.



*Novais Teixeira - O Vimaranesse Errante, 2014*

Por sua vez, o projeto '*Novais Teixeira - O Vimaranesse Errante*' é um livro impresso interativo do atelier Martino & Jaña. Trata-se de uma biografia de Novais Teixeira, crítico de cinema português, que une o tradicional e o digital transformando a experiência de leitura. As caixas vermelhas no livro correspondem a elementos interativos que podem ser visualizados num aparelho eletrónico, como um *iPad*.





## - Referências -

BOLTER, Jay David [(2001) 2011]. *Writing Space: Computers, Hypertext, and the Remediation of Print*. New York and London: Routledge.

CARLYLE, Thomas. (1840). *Heroes, The Hero as Man of Letters*.

GERRITZEN, Mieke et al. (2011). *I Read Where I Am: Exploring New Information Cultures*. Mieke Gerritzen, Geer Lovink, Minke Kampman (ed.). Amsterdam: Valiz. Projeto Disponível online em <URL: <http://www.ireadwhereiam.com/>>

KOWALCZYK, Piotr (2017). *12 projects that enhance print books with technology*. Ebook Friendly. Disponível online em <URL: <https://ebookfriendly.com/print-books-technology-projects/>>

LYONS, Martyn. (2011). *Books A Living History*. London, United Kingdom: Thames & Hudson Ltd.

UZANNE, Louis Octave. (1894). *The End of Books*. Scribner's Magazine, August 1894. Disponível online em <URL: <http://ebooks.library.cornell.edu/cgi/t/text/pageviewer-idx?c=scri;cc=scri;rgn=full%20text;idno=scri0016-2;didno=scri0016-2;view=image;seq=0229;node=scri0016-2%3A9/>>



## IMAGENS:

### Book of the Dead, Papyrus of Ani, The British Museum

Disponível online em <URL: [http://www.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=113335&partId=1/](http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=113335&partId=1/)>

### Bíblia de 42 linhas, Johannes Gutenberg e Johann Fust, 1455, British Library

Disponível online em <URL: <https://www.bl.uk/collection-items/gutenberg-bible/>>

### Impressio Librorum, Biblioteca Nacional de França (BnF)

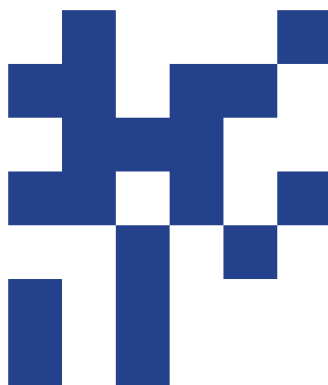
Disponível online em <URL: <http://classes.bnf.fr/livre/grand/189.htm/>>

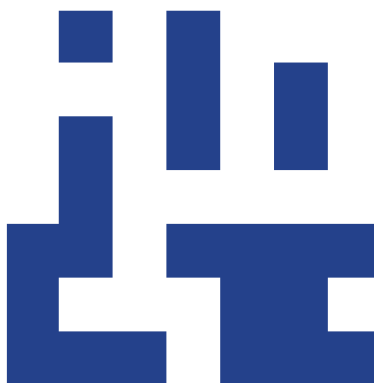
### The Book of Kells, Trinity College Library em Dublin, Ireland

Disponível online em <URL: <https://www.theguardian.com/books/gallery/2012/dec/14/book-kells-pictures#img-1/>>

### Bodleian Library, Oxford

Disponível online em <URL: <http://www.experienceoxfordshire.org/venue/bodleian-library/>>





- PLATAFORMA DIGITAL -

<https://tinyurl.com/plataforma-fragmento/>

- #2 CAPÍTULO -

# FRAAG MEH TO

#2

AS EDITORAS



உள்ளுள்ளு

மேலே

குடி



## - Introdução -

Neste capítulo #2 da publicação 'Fragmento' será apresentado o mundo editorial: como se iniciou nas grandes editoras - que mais tarde foram compradas por grandes grupos editoriais, de que é exemplo a *Porto Editora* e a *Leya*; como as editoras independentes sobrevivem e, acima de tudo, quais as diferenças entre a publicação nas editoras convencionais e nas editoras independentes (*indie* ou *small press*).

As principais diferenças entre estes dois tipos de publicação editorial são descritas por responsáveis de editoras independentes ou por artigos que destacaram este tema anteriormente.

O futuro do livro é, uma vez mais, aqui referenciado - a importância das editoras e dos seus percursos ou escolhas no mercado são fundamentais para compreender o futuro do livro. Alguns autores, e os responsáveis por editoras, defendem que o livro, principalmente o livro impresso, vai estar cada vez mais dependente da evolução e continuação das editoras independentes.

Se no passado as editoras independentes foram essenciais para a continuação de publicações que não respeitavam as obrigações impostas por regimes políticos, hoje continuam a sê-lo, por outros motivos ligados a opções editoriais que não acolhem novos autores ou ideias para a publicação de livros que fujam ao que o mercado de massas compra neste momento.





## - Índice -

- 06 ▪ **LIVROS INDEPENDENTES**
- 10 ▪ **AS GRANDES EDITORAS PORTUGUESAS**
- 19 ▪ **EDITORAS INDEPENDENTES**
- 29 ▪ **O FUTURO DO LIVRO IMPRESSO  
SERÁ O FUTURO DAS EDITORAS  
INDEPENDENTES**
- 33 ▪ **COMO SE PUBLICA EM PORTUGAL**
- 37 ▪ **REFERÊNCIAS**

## - Livros Independentes -

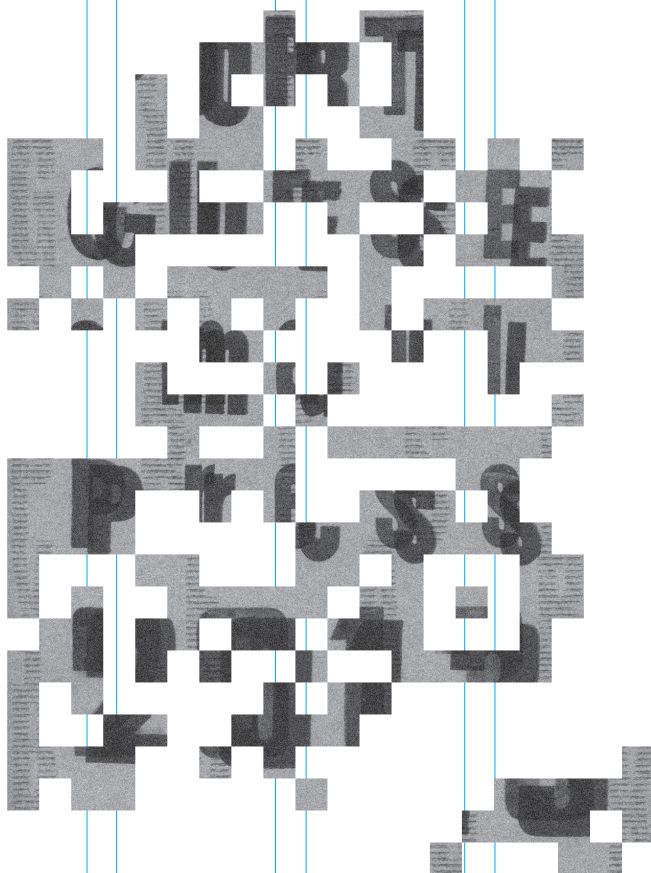
Os livros independentes surgem com a necessidade dos autores e dos artistas publicarem as suas criações, de carácter mais artístico e livre, sem estarem presos às exigências das grandes editoras. No artigo do jornal 'Expresso' – "Que gente é essa que anda para aí a fazer livros?" –, Catarina Figueiredo Cardoso, uma das fundadoras do projeto *Portuguese Small Press Yearbook* refere precisamente o facto de existirem cada vez mais pessoas dedicadas à realização de livros, tanto de forma isolada, através de editoras ou de coletivos, devido à acessibilidade dos meios de




"Mas o que atrai, afinal, na edição independente? 'É tendencialmente mais artística e livre. O autor cria sem muitos constrangimentos e está em contacto direto com o público, que acompanha a sua evolução, o seu trabalho, o seu destino.' Esta é a parte boa. A parte má é que há 'falta de filtro crítico, de meios de produção e de financiamento, que poderiam dar outra escala à obra', o que, de resto, também pode ser convertido em desafio, se se quiser. 'O interesse também é esse'."

(Expresso, 2014)

produção e à facilidade de distribuir e de partilhar através da internet, ou em feiras dedicadas aos livros independentes.



O *Portuguese Small Press Yearbook* é um anuário de livros de artista e de edições independentes realizados em Portugal, da autoria de Catarina Figueiredo Cardoso e de Isabel Baraona. 



VER PLATAFORMA DIGITAL



Segundo o ‘Observador’, no artigo de Joana Marques — “Editoras indie, um roteiro para livros alternativos” — os livros independentes são difíceis de encontrar, não estão nas livrarias comuns nem nos grandes pavilhões da Feira do Livro. A probabilidade de encontrar os livros independentes é maior em locais mais pequenos, por exemplo nas pequenas livrarias de bairro, que não estão dentro do comércio massificado.

“Ora, a small press é aquela que, por definição, não é feita para dar lucros. As tiragens são muito pequenas, entre 100 e 500 exemplares. Estas editoras são, na sua maioria, mantidas em regime de part-time, e os custos da publicação de livros são muitas vezes pagos com o dinheiro dos salários que estes editores retiraram de uma ocupação profissional principal. São edições quase clandestinas, feitas em tempos tirados ao ócio, à família. São um hobby, talvez mais fruto de uma atitude de nostalgia do livro em papel, das máquinas, das tintas e dos caracteres móveis, do que uma resistência política consciente.”

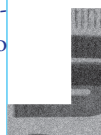
(Observador, 2015)



“A produção é cada vez maior, mas é também cada vez mais variada: “Há núcleos distintos que acabam por se cruzar: a poesia, a BD, a fotografia, os objetos gráficos, os fanzines, a ilustração, a experimentação tipográfica. Pois eles oferecem aos leitores o acesso a uma produção cultural que, de outra forma, não existiria. Publicar é dar ao público, e a edição independente é uma forma de artistas (que por definição fazem coisas) fazerem chegar a uma audiência aquilo que fazem, e que não tem lugar noutros meios de divulgação. Optar pela edição independente é uma atitude artística, não é simplesmente uma falta de alternativa.”

(Observador, 2015)

Contudo, Joana Marques conclui na sua conversa com Catarina Figueiredo Cardoso que o setor de produção de livros independentes tem vindo a crescer. Embora as editoras independentes se afastem da publicação para a comercialização em massa, estão a tornar-se, cada vez mais, uma presença constante para todos os leitores, que procuram diversificar a leitura e não encontram o que necessitam nas editoras convencionais. Como tal, a evolução crescente e diversificada das editoras independentes irá ditar o futuro do livro impresso.



## - As Grandes Editoras Portuguesas -

Tendo como ponto de partida as plataformas digitais das editoras – ‘Porto Editora’ e ‘Leya’ –, dois grupos editoriais de grande relevância em Portugal, podemos conhecer melhor as histórias por detrás das editoras e as circunstâncias que as transformaram nas maiores editoras portuguesas. É importante perceber que estes dois grupos editoriais são constituídos por um catálogo vasto de editoras, isto é, foram adquirindo e englobando aos seus portefólios editoras de outras áreas, para melhor responder às necessidades de todos os leitores.



### - PORTO EDITORA -

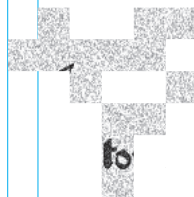
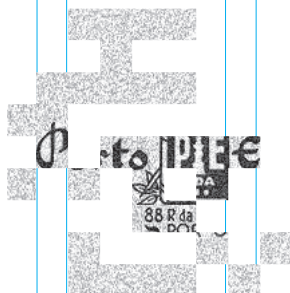
“Tanto quanto a sua dimensão, o que distingue a *Porto Editora* é a qualidade do trabalho que desenvolve nas diferentes áreas editoriais, da área escolar à literatura, orientado pelos seus valores de rigor, responsabilidade, proximidade, excelência e inovação.

Desde a sua fundação, em 1944, a empresa dedica-se à publicação de livros e outros produtos direccionados para as áreas da Educação e Referência. A qualidade e a importância

do seu trabalho nestas áreas podem ser medidas pelo elevado índice de reconhecimento que tem junto das comunidades académica e científica, dos professores, alunos e público em geral.


Ciente da responsabilidade social que daí advém, a *Porto Editora* é parceira privilegiada de diferentes agentes que se dedicam à investigação e ao estudo nas várias áreas do conhecimento. Estas relações de cooperação refletem-se num catálogo com um vasto número de edições dedicadas aos mais diversos ramos do conhecimento científico e técnico.

No início do século XXI, a *Porto Editora* adquiriu a totalidade do capital social de duas editoras escolares de reconhecida qualidade – a *Areal Editores* e a *Lisboa Editora* (atual *Raiz Editora*). A estrutura e quadros destas duas empresas foram mantidos, na generalidade, e facilmente integrados na estrutura do que passou a ser conhecido como o *Grupo Porto Editora*, do qual já fazia parte, desde a década de 50, o *Bloco Gráfico*.”



*Logótipos Porto Editora*





“A emergência das novas tecnologias evidenciou um dos traços característicos da *Porto Editora*: o seu espírito inovador e pioneiro. Foi uma das primeiras empresas a integrar soluções tecnológicas no processo editorial e, mais importante ainda, desde cedo assumiu a liderança na edição multimédia. Produtos como a *Infopedia* (a maior base de conteúdos educativos e culturais em Língua Portuguesa), a *Escola Virtual* (primeira plataforma de e-learning direcionada para os ensinos Básico e Secundário) e a *Diciopédia* (um produto multimédia lançado em 1997, atualizado todos os anos até à sua última edição, em 2009) são exemplos do trabalho ímpar que a *Porto Editora* desenvolve na produção de conteúdos educativos e culturais em suporte digital. Em 2008 ocorre a transformação da *Webboom.pt* (uma livraria virtual, lançada em 1999, que se constitui como a principal referência no nosso país) em *WOOK.pt*.”



“A *Porto Editora* tem promovido várias iniciativas que permitem um maior contacto da sociedade com os livros, as palavras e a escrita. A *PALAVRA DO ANO*, lançada em Portugal em 2009 e em Angola e Moçambique em 2016, tem como principal objetivo sublinhar a riqueza lexical e o dinamismo criativo da língua portuguesa, acentuando, assim, a importância das palavras e dos seus significados.

Com o intuito de fomentar o gosto pela leitura e estimular o pensamento crítico, a *Porto Editora* lançou, em 2011, o *Porto de Encontro* (um ciclo de conversas com escritores que acontece todos os meses na cidade do Porto, com entrada gratuita) e, em 2015, a *Viagem Literária* (uma iniciativa que contribui para a democratização e descentralização do acesso à cultura e que percorre cidades de todo o país, levando os escritores ao encontro dos seus leitores).”

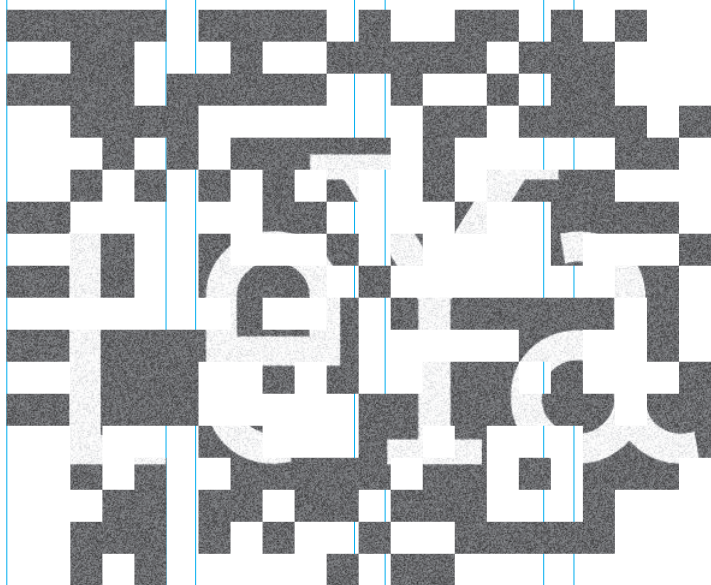
## - LEYA -

“A LeYa nasceu em 2008 como grupo editorial no qual se integram algumas das mais prestigiadas editoras de língua portuguesa.

Líder do mercado editorial português, angolano e moçambicano, a LeYa está também presente no Brasil onde assumiu uma posição de destaque na área de edições gerais e onde atua, igualmente, no setor do ensino a distância / *e-learning*.

A força das marcas que integram a LeYa, os autores com que temos o privilégio de trabalhar e a qualidade do que, em conjunto, criamos fazem da LeYa uma empresa forte e coesa nos seus objetivos gerais e diversificada nos seus programas editoriais, bem como nas suas atividades na área da Educação.”





“Através do esforço diário de uma vasta equipa em três continentes, a *LeYa* procura:

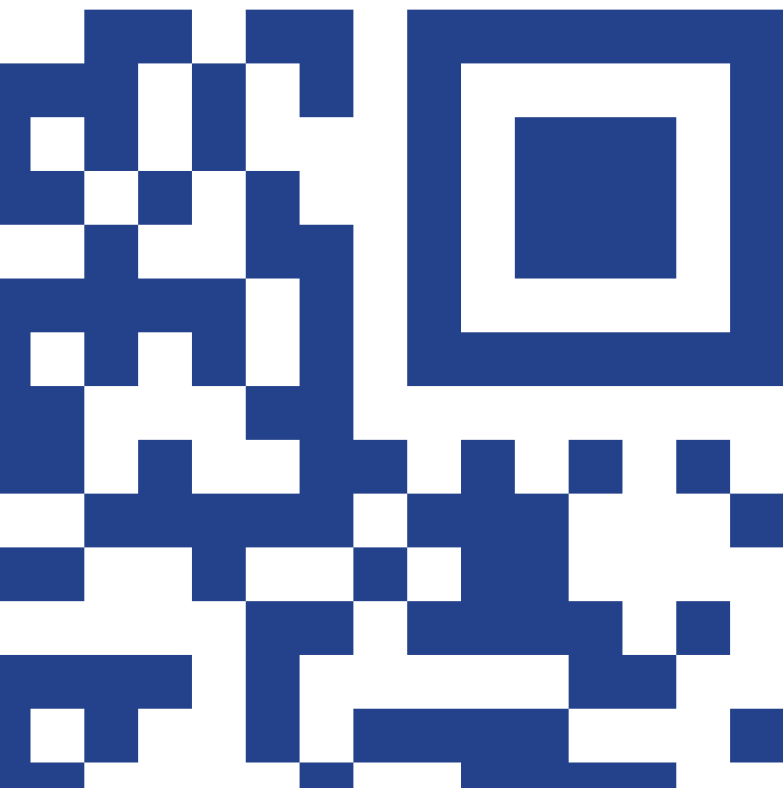
- Publicar os livros que as pessoas querem;
- Estimular a criatividade editorial;
- Apostar nos autores de língua portuguesa;



- Projectar no mundo os autores de língua portuguesa;
- Criar um modelo de organização e negócio que permita colocar os livros da melhor forma no mercado;
- Manter-se na vanguarda do universo da Educação e da aplicação das novas tecnologias ao Ensino;
- Ser um grupo editorial de referência no espaço de língua portuguesa."

"Em Portugal, a *LeYa* publica os seus livros através das marcas Academia do Livro, ASA, BIS, Caderno, Caminho, Casa das Letras, Dom Quixote, Estrela Polar, Gailivro, Livros d'Hoje, LeYa, Lua de Papel, Novagaia, Oficina do Livro, Quinta Essência, Sebenta, Teorema e Texto."

Unir ao capítulo #1



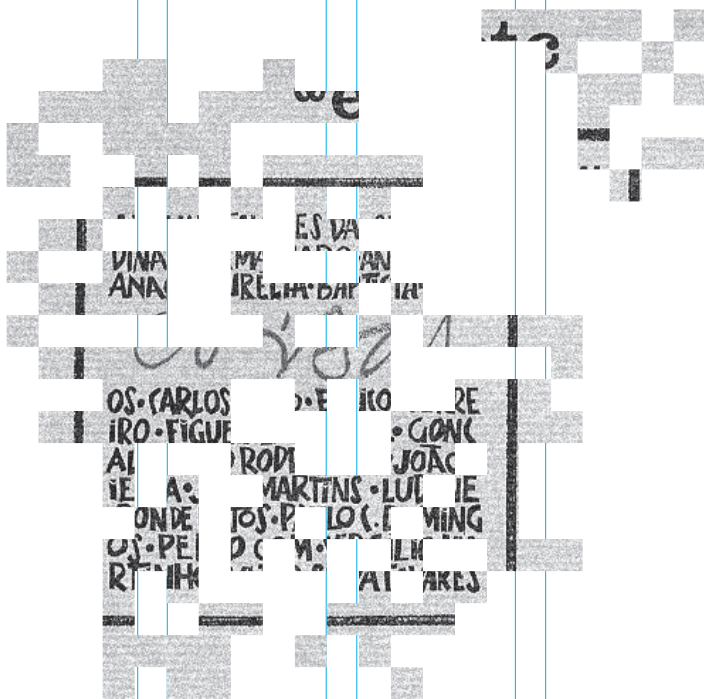
Unir ao capítulo #4

## - Editoras Independentes -

As editoras *indie* ou *small press* referenciadas, seguidamente, são uma amostra de possíveis editoras que existiram e as que podemos, ainda hoje, encontrar no mercado dos livros independentes. Retratar e entender como surgiram e quais os aspetos que as definem e, acima de tudo, o que procuram transmitir através dos seus conceitos editoriais, isto é, as escolhas que fizeram para a produção e as opções que tomaram no que diz respeito aos autores e aos artistas.


## - &Etc -

A editora &Etc foi fundada, em abril de 1974, por Vítor Silva Tavares – que foi o seu principal editor. Com o falecimento de Tavares em 2015, os sócios da editora decidiram encerrar a atividade editorial, mas os livros existentes até então continuam a ser vendidos pela Livraria Letra Livre.



*O Primeiro Livro &Etc*



A &Etc nasceu na miséria, como refere o artigo “Amante de livros radicalmente livre... & Etc”, no jornal ‘Diário de Notícias’, e foi sempre assim até ao fim da editora. Vítor Silva Tavares, a “alma da editora &Etc” defendia e acreditava acima de tudo na liberdade, preferindo ser independente e patrão dele mesmo embora tivesse tido vários ofícios até fundar a sua editora independente. 

“Em 1967, quando o Jornal do Fundão foi suspenso por seis meses, preparava-se um magazine de letras, artes e espectáculos para se publicar naquele semanário oposicionista, mas com a sageza de evitar que fosse logo proibido. E no primeiro dos 26 números desse suplemento & etc – que haveria de ser revista autónoma de 1973 a 1974, tornando-se, depois, apenas editora – havia textos sobre o filme Pedro, o Louco, o fadista Alfredo Marceneiro e o novo bar Snob.”

(Fernando Madaíl, DN, 2010)



“E se não aparecerem livros que o entusiasmem?”

Não há problema nenhum. Ficamos à espera. Normalmente o que obriga as editoras a publicarem de forma contínua são encargos, responsabilidades, dívidas, empréstimos, por aí fora. É o mercado que obriga. É o mercado que puxa. É o mercado o motor. Aqui não é o mercado o motor. Nem pensar. O motor é a nossa vontade e disponibilidade, ou a ausência delas.”

(Diário de Notícias, 2001)

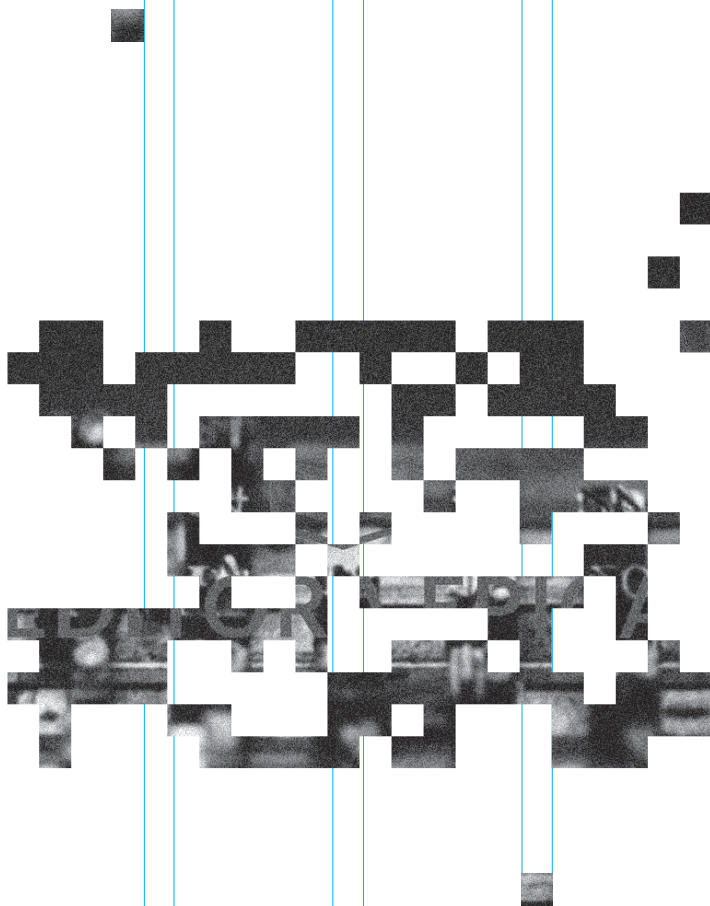
Os livros da &Etc têm um formato incomum (15,5cm por 17,5cm) e para além disso Tavares gostava de ressaltar que ninguém recebia nada por eles, nem os escritores nem os artistas gráficos, como fez numa rara entrevista ao ‘Diário de Notícias’, em 2001. Outro requisito importante era o facto da edição dos livros não se repetir. Usualmente eram editados apenas 300 a 500 exemplares. Como refere, ao longo da entrevista, a &Etc não era uma editora profissional, mas sim amadora, por isso não tinha uma obrigação comercial como as outras editoras.


## - Editora Épica -

A editora Épica pertencente ao grupo ‘Saída de Emergência’ — uma editora independente que se assume totalmente nacional — é muito diferente da ideia inicial que podemos ter de uma editora independente, pois, na realidade, presta serviços para a auto-publicação.

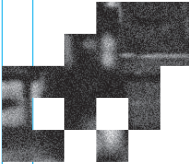
A editora defende que o autor pode querer o seu livro publicado, sem estar sujeito às obrigações impostas por uma editora dita tradicional. A Épica informa que a auto-publicação é sempre paga pelo autor, embora lhe seja concedida toda a liberdade e controlo no processo de produção do seu livro.







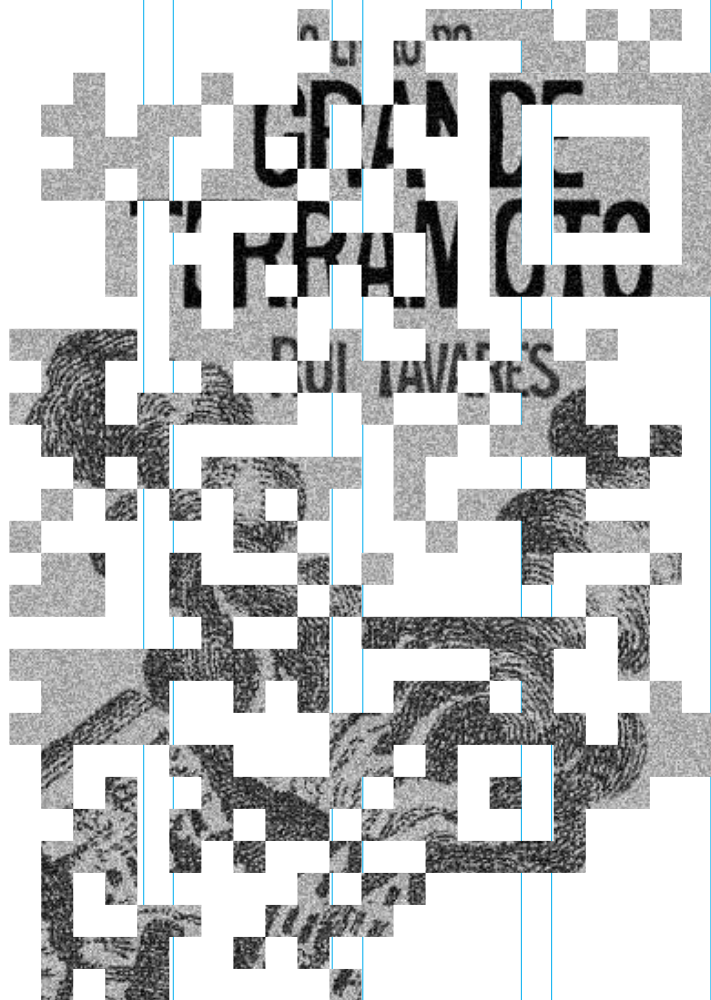
As três vantagens assinaladas pela editora Épica, na sua plataforma online, são: caso o livro publicado venda mais de mil exemplares, o autor pode ter a oportunidade de o relançar pela editora ‘Saída de Emergência’ e de dispor de uma revisão profissional do texto ou de uma educação do seu valor; ao contrário de outras editoras de auto-publicação a Épica garante a oferta de 15% dos direitos sobre o preço de capa dos livros vendidos nas livrarias; e o poder sobre os direitos da obra permanece exclusivo do autor, isto é, se o autor decidir publicar o mesmo livro noutra editora está livre de o fazer sem precisar de se justificar com a Épica.



## - Tinta da China -

A editora independente Tinta da China, criada em agosto de 2005, conta com mais de trezentos títulos publicados. O primeiro livro publicado por esta editora foi 'O Pequeno Livro do Grande Terramoto' de Rui Tavares, que superou todas as expectativas ao esgotar três edições e com a recepção do Prémio de Melhor Ensaio 2005.

O nome da editora surge como terceira opção entre 'Marca Amarela' e 'Preto no Branco'. Segundo Bárbara Bulhosa, uma das fundadoras da Tinta da China, o nome faz todo o sentido no conceito que criaram para as edições dos livros que são trabalhados com todo o cuidado e atenção ao design das capas. A clara distinção cromática e as ilustrações fei-



*O Pequeno Livro do Grande Terramoto, Rui Tavares*



tas por Vera Tavares tornam os livros da Tinta da China diferentes e apelativos ao leitor que compra o livro pela capa.

A Tinta da China foi crescendo de tal forma que, em 2012, foi levada para o Brasil com o intuito de publicar livros de autores portugueses em português de Portugal, por se tratar de uma faixa de mercado sem a devida exploração, pois existem sempre adaptações à língua portuguesa. Mas a editora vai mais longe e trás, também, autores brasileiros para Portugal com o mesmo objetivo: editar os livros brasileiros na língua original sem alterar nada nos textos dos autores.



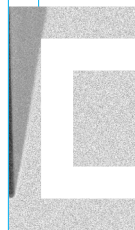
## - O futuro do Livro Impresso será o futuro das Editoras Independentes -

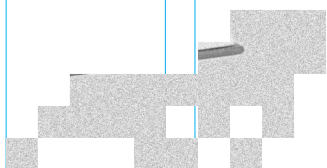
O livro impresso continua presente na vida dos leitores, como se pode comprovar através do crescimento das editoras *indie* ou *small press* apresentadas anteriormente. No entanto, importa entender se o futuro do livro impresso está dependente destas pequenas editoras. Os grandes grupos editoriais tornaram o livro impresso num objeto de consumo de massas, desprovido da qualidade formal que se verificava anteriormente e que está bem presente no conceito de muitas editoras independentes, assim como no carácter diferenciador que cada livro ou edição pode ter se for pensado de uma forma única.

Na crónica escrita por Pedro Pinto – “Três pequenas ‘grandes’ editoras” –, no P3, é dado a conhecer como as editoras *indie* se diferenciam e progridem ao seu próprio ritmo sem obrigações para com o mercado, mas com obje-



tivos definidos e diferenciadores. É defendido ao longo do texto que o autor desconhecido, com uma boa obra, merece ver o seu livro publicado, pois não precisa de estar dependente da sua notoriedade para publicar junto das grandes editoras. No entanto, o autor do livro tem de ser acompanhado por uma editora, pois só assim conseguirá resultados a longo prazo. Ao contrário das pequenas editoras, os grandes grupos editoriais usualmente esperam o retorno dos lucros das vendas rápidas e abandonam os autores sem lhes dar a promoção devida e o acompanhamento necessário para o público se lembrar e ter curiosidade de ler as suas obras.





Outra característica apresentada por Pedro Pinto em relação às editoras ‘pequenas’ é a forma positiva como encaram o *e-book*, que deixa de ser entendido como um rival do livro impresso, para se transformar numa forma eficaz de divulgação de autores e de obras pouco conhecidos.

Como tal, é possível concluir que o livro impresso está sujeito ao futuro das editoras *small press* devido às particularidades diferenciadoras que estas editoras colocam na criação e produção dos seus livros independentes e dos autores desconhecidos que publicam, dando ao leitor novos conteúdos e conhecimentos que não encontram fora destas pequenas editoras.

## - Como se publica em Portugal -

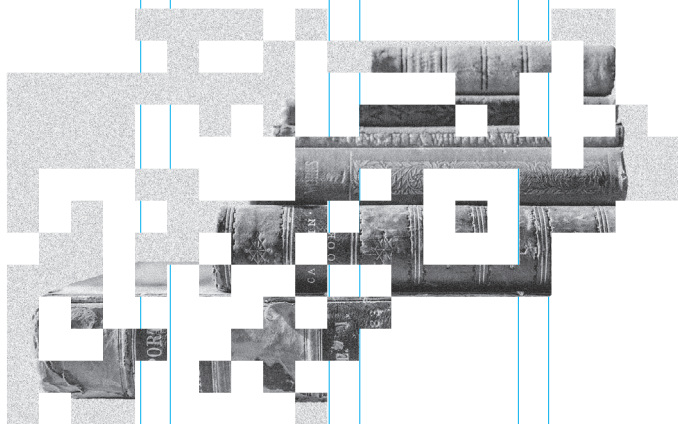
No artigo da plataforma digital ECO (Economia Online) – “Livros: Quanto custa e como se publica em Portugal” –, escrito a 19 de março de 2017, pode-se ler os passos que um autor deve tomar para ver o seu livro publicado. Independentemente de se tratar de um autor conhecido ou não, o processo de publicação deve iniciar-se com uma ‘boa história’, que consiga estabelecer uma ligação com os leitores. O segundo passo é encontrar a editora, e é neste momento que os autores ficam atordoados com as diversas opções que têm. O autor deve procurar conhecer bem a editora para a qual está a enviar o original da sua obra para se certificar que é essa a linha editorial que pretende e que é ali que o seu livro deve ser publicado.



“Nós não publicamos por publicar. Publicar um livro é de uma grande responsabilidade e envolve um grande grau de compromisso da parte de todos: da parte editorial, da comercial, do marketing, da comunicação, às vezes consultores externos além dos editores internos, muitos profissionais que se comprometem em que o investimento que foi dado pelo autor na criação intelectual daquele projeto tenha correspondência.”

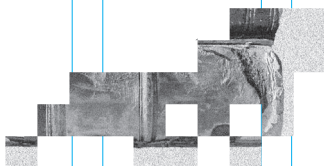
(ECO, 2017)

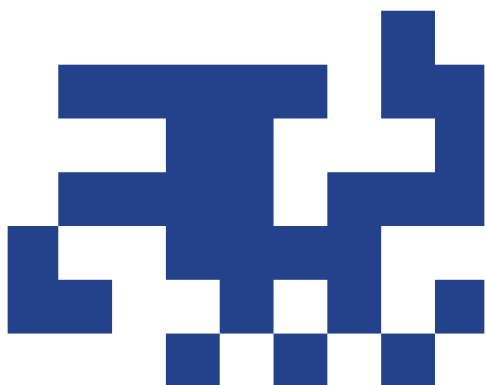
Neste mundo editorial existem duas opções que os autores devem conhecer: as grandes editoras ou editoras tradicionais, como a Porto Editora, e as editoras independentes ou de auto-publicação, que no artigo da ECO são apelidadas de “*vanity publishing*” ou publicações de autor”. A principal diferença entre ambas diz respeito ao preço que o autor terá de pagar para ver o seu trabalho publicado. Enquanto as editoras tradicionais investem no autor que fica isento de qualquer responsabilidade financeira na publicação do livro e ainda recebe parte dos lucros da sua venda, nas “editoras de autor”, como é referido no artigo, o autor paga todos os custos, embora esteja livre das obrigações e imposições a que estaria sujeito caso optasse pelas grandes editoras.



“As editoras de autor, como a Chiado, são variáveis residuais. Não estamos a falar de editoras que têm um peso muito grande no mercado. E é uma indústria que basicamente produz livros conforme pedido. Não editam, produzem livros” esclarece Pedro Sobral. “O autor chega, apresenta o original, eles fazem uma proposta, a pessoa paga, eles dão-lhes o livro impresso e fim da história.”

(ECO, 2017)







## - Referências -

BIBLIOTECÁRIO DE BABEL (2012). Entrevista com Vítor Silva Tavares, tirada do baú (parte 1). Disponível online em <URL: <http://bibliotecariodebabel.com/entrevistas/entrevista-com-vitor-silva-tavares-tirada-do-bau-parte-1/>>

DIÁRIO DE NOTÍCIAS (2010). Amante de livros radicalmente livre... & etc. Disponível online em <URL: <https://www.dn.pt/gente/interior/amante-de-livros-radicalmente-livre-etc-1654880.html/>>

ECO (2017). Livros: Quanto custa e como se publica em Portugal. Disponível online em <URL: <https://eco.pt/reportagem/livros-quanto-custa-e-como-se-publica-em-portugal/>>

EDITORA &Etc (2016). Sobre o fim da actividade editorial da &etc. Disponível online em <URL: <http://editoraetc.blogspot.pt/>>

EDITORA ÉPICA (2015). Quem Somos. Disponível online em <URL: <https://www.editoraepica.pt/quemsomos/>>

ESCRITORES ONLINE (2017). Tinta da China: Uma editora independente em Portugal e além-mar. Disponível online em <URL: <https://escritores.online/tinta-da-china/>>

EXPRESSO (2014). Que gente é essa que anda para aí a fazer livros? Disponível online em <URL: <http://expresso.sapo.pt/cultura/que-gente-e-essa-que-anda-para-ai-a-fazer-livros=f899558/>>

OBSERVADOR (2015). Editoras indie, um roteiro para livros alternativos. Disponível online em <URL: <http://observador.pt/especiais/editoras-indie-um-roteiro-livros-alternativos/>>

PÚBLICO (2013). Três pequenas “grandes” editoras. Disponível online em <URL: <http://p3.publico.pt/cultura/livros/9138/tres-pequenas-quotgrandesquot-editoras/>>

TINTA DA CHINA (2017). Contactos. Disponível online em <URL: <http://www.tintadachina.pt/contacts.php?tcsid=493cp8qjmja8bavk8njdt323u0/>>

## IMAGENS:

### Portuguese Small Press Yearbook, 2013

Disponível online em <URL: <http://ptsmallpress.blogspot.pt/2013/11/ultimas-capas-impressas-no-homem-do-saco.html/>>

### Logótipos Porto Editora

Disponível online em <URL: <https://www.portoeditora.pt/sobre-nos/historial/>>

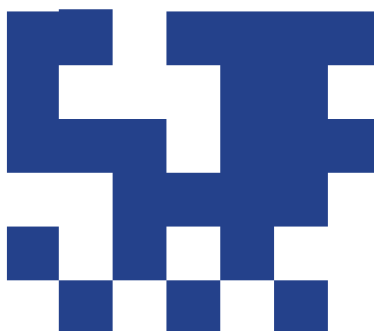
### Primeiro Livro &Etc

Disponível online em <URL: <http://editoraetc.blogspot.pt/1974/>>

### O Pequeno Livro do Grande Terramoto, Rui Tavares

Disponível online em <URL: <https://www.fnac.pt/O-Pequeno-Livro-do-Grande-Terramoto-Rui-Tavares/a243646/>>





- PLATAFORMA DIGITAL -

<https://tinyurl.com/plataforma-fragmento/>

- #3 CAPÍTULO -

# FRAAG MEH TO

#3  
O LIVRO DIGITAL



உள்ளுள்ளு

மேலே

குடி



## - Introdução -

Ao longo deste #3 capítulo da publicação ‘Fragmento’ analisa-se sucintamente como podemos definir o livro digital e quais as suas vantagens, entre elas o baixo custo para quem o produz e para quem o vende. O que levanta a questão: se os *e-books* são mais baratos, qual será o motivo para não serem os mais vendidos? A reflexão a esta questão é explorada neste capítulo, assim como a referência às lojas e plataformas onde podemos encontrar e comprar os livros em formato digital.

O futuro do livro é uma interrogação constante ao longo desta publicação e aqui são destacados artigos de alguns autores que defendem a evolução digital do livro: enquanto uns abordam

o tema de forma a interligar o suporte impresso com o digital, há quem recuse a continuidade do livro impresso.

A introdução do livro em suporte digital trouxe consigo uma outra inovação, com a qual muitos de nós ainda estamos pouco familiarizados – a biblioteca digital. Estas plataformas *online* contêm uma vasta e inumerável quantidade de livros: iniciaram-se com o projeto ‘*Gutenberg*’ e mais recentemente têm vindo a crescer com o projeto do *Google* (o motor de pesquisa mais utilizado do mundo) o ‘*Google Books*’, que tornou a ideia de Michael Hart de biblioteca digital, num acervo de dimensões superiores e com maior destaque, devido ao reconhecimento que o *Google* tem junto dos utilizadores dos meios digitais.





- Índice -

▪ <u>07</u>	▪ O QUE É?
▪ <u>11</u>	▪ AS VANTAGENS
▪ <u>15</u>	▪ O FUTURO
▪ <u>19</u>	▪ ONDE ENCONTRAR OS LIVROS DIGITAIS
▪ <u>23</u>	▪ PROJETO GUTENBERG E GOOGLE LIVROS
▪ <u>27</u>	▪ REFERÊNCIAS

## - O que é? -

O livro digital ou livro eletrónico, também definido por *e-book*, consiste na publicação de um livro em formato digital, que poderá conter texto, imagens, e outros conteúdos multimédia audiovisuais; são lidos através de computadores ou de aparelhos eletrónicos, como os *e-readers* ou os *tablets*.

Os formatos digitais mais comuns que podemos encontrar de livros digitais são:

1. PDF – a *Adobe*, que inventou o *Portable Document Format* (PDF), define-o como um formato de arquivo usado para exibir e partilhar documentos de maneira compatível, independentemente de *software*, *hardware* ou sistema operacional;
2. HTML – o conteúdo deste tipo de ficheiros só pode ser visível quando aberto num navegador de internet, como o *Google Chrome*;
3. ePUB – abreviatura de publicação eletrónica – trata-se de um tipo de ficheiro específico para livros digitais (*e-books*) que pode ser lido em aparelhos eletrónicos, desde os *e-readers* até aos telemóveis, sendo que neste último é necessária a instalação de uma aplicação que suporte a leitura deste ficheiro.

“With the advent of the digital age, ink gave way to pixel to a large extent. Odorless, untouchable, remote, the pixel has however brought along with it a huge amount of free information, and has transformed the understanding of access to knowledge and information in many ways.”

(Nathalie Fallaha, 2007)

É com o advento do hipertexto – escrita não-linear ou não-sequencial feita num computador – que o texto passa do papel impresso para o ecrã dos aparelhos eletrónicos, abrindo um novo mundo de possibilidades. As hiperligações conduzem um texto escrito de forma computacional para outros conteúdos multimédia, exteriores ao texto. Além da divulgação de conhecimento ser feita de forma rápida e eficaz, os suportes digitais vieram valorizar o acesso gratuito à informação.

As especificações colocadas para a venda do *Kindle*, um dos *e-readers* mais conhecidos, propriedade da *Amazon* (empresa de venda de produtos na internet), referem que este leitor de livros digitais tem um design fino e leve; permite alterar entre a leitura do texto e a possibilidade de o ouvir, pois dispõe, igualmente, de uma biblioteca de audiolivros; não é prejudicial para os nossos olhos, porque o ecrã não tem brilho e assemelha-se ao papel por ser sensível ao toque; tem uma autonomia considerável, podendo durar semanas e não horas como os outros aparelhos eletrónicos, nomeadamente os telemóveis, onde estamos constantemente a receber notificações e distrações; e a sua mais valia é o acesso imediato à loja online de livros, onde podemos adquirir toda a sorte de livros. ■

Estes aparelhos eletrónicos permitem-nos destacar e escrever notas no texto que estamos a ler, procurar no dicionário integrado alguma palavra cujo significado nos seja desconhecido e traduzir um trecho do texto para outra língua.

No entanto, este aparelho *Kindle* já não é obrigatório para podermos ter acesso à loja que disponibiliza os livros digitais *Kindle*. A nova aplicação gratuita ‘*Kindle*’, acessível para sistemas Android e iOS, permite a qualquer pessoa aceder ao *e-reader Kindle* e associar todos os livros eletrónicos que dispõe (ou pretende adquirir) numa só aplicação.

É também através desta aplicação que podemos partilhar um livro digital da nossa biblioteca com um amigo ou familiar, mesmo que este não possua um aparelho *Kindle*, pois só terá de fazer o *download* da aplicação. Esta partilha tem como contrapartida a disponibilização de um período máximo de 14 dias, mas, ainda assim, resolve um dos maiores problemas que os livros digitais trouxeram aos dias de hoje – a impossibilidade de emprestar os livros que possuímos em formato digital.

## - As Vantagens -

O livro digital não tem de rivalizar com o livro impresso, antes pelo contrário: este é muitas vezes escolhido por diferentes motivos que o tornam mais vantajoso em algumas situações.

A acessibilidade é a vantagem imediata. Os livros eletrónicos estão ao nosso alcance em qualquer lugar desde que tenhamos um dispositivo de leitura como, por exemplo, um telemóvel ou um *tablet*. Os livros digitais são também mais fáceis de adquirir, pois podem ser descarregados (*download*) num curto espaço de tempo, enquanto a aquisição de um livro impresso implica a deslocação a uma livraria ou a visita a um site de livros online (e aguardar que este nos chegue a casa).

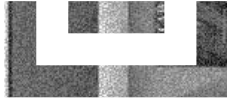
As bibliotecas digitais, assim como as lojas de compra de livros eletrónicos, têm um vasto espólio ao dispor dos leitores que dificilmente poderia ser encontrado num lugar destinado apenas ao suporte impresso. Os benefícios



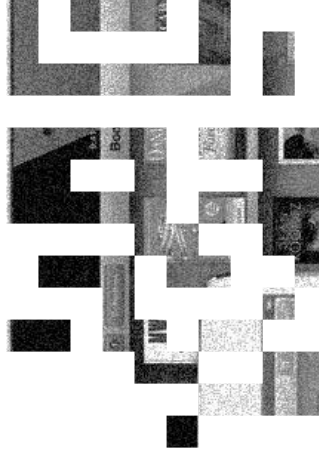


associados ao livro em suporte digital não ficam por aqui, pois os aparelhos eletrónicos que servem de leitura podem conter mais de um livro e o peso que carregamos é inferior, ou seja, podemos transportar connosco uma biblioteca inteira sem o peso físico e o espaço que esta ocupa.

Outra característica dos *e-readers* é o facto de permitirem que a leitura seja feita em qualquer lugar, mesmo quando existe pouca luz natural ou artificial; os leitores podem disfrutar de um livro digital durante a noite utilizando apenas a luz do próprio aparelho.

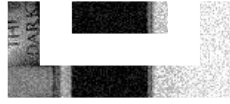
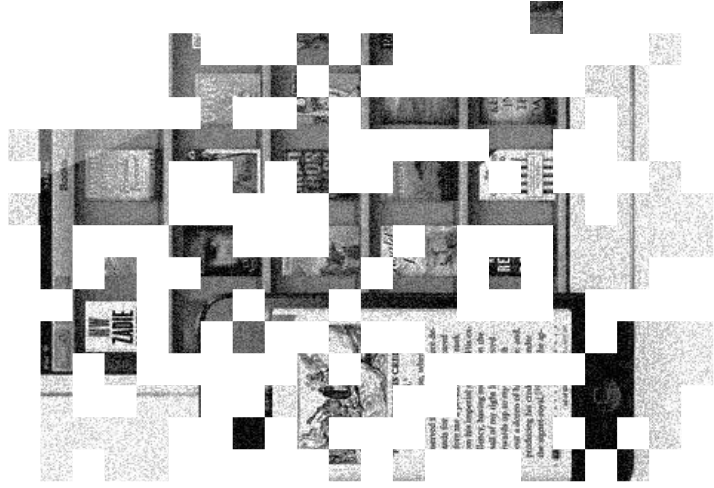






O preço dos *e-books* torna-os mais apelativos que a versão impressa do mesmo livro. No entanto, há casos em que a diferença é injustificadamente reduzida, apesar do custo de produção de um livro digital ser bastante inferior ao de um livro físico. A discussão do valor dos livros constitui uma novidade com a qual os leitores ainda se estão a familiarizar, contudo muitos são os que preferem poupar e optar pelo suporte digital.





Existem diversas vantagens que garantem a preferência dos leitores aos livros digitais, nomeadamente o facto destes facilitarem o acesso à leitura, em qualquer lugar e circunstância, sem o intento direto de substituir o livro impresso.

## - O Futuro -

O futuro do livro passa indiscutivelmente pela evolução do livro digital, contundo não está dependente dele, isto é, a essência do livro vai para além do objeto que o suporta – o texto e os outros conteúdos multimédia são os seus elementos constitutivos.

Apesar de se poder atribuir o afastamento dos leitores do formato digital a uma saturação dos aparelhos eletrónicos que envolvem as nossas vidas, o aperfeiçoamento da experiência de leitura em suporte digital poderá vir a ser uma revolução bem aceite por parte dos leitores.

A união entre o livro digital e o livro impresso seria uma garantia de que estes dois suportes podiam sobreviver sem se anularem mutuamente. Esta ligação entre suportes iria trazer aos leitores novas experiências que se podem completar, na medida em que a leitura de um livro impresso pode ser finalizada num suporte digital, visto que os conteúdos podem ser diferenciados e adaptados a cada meio, com o objectivo de alcançar uma complementaridade sem redundâncias.




No artigo “*The Future of Books*” de James Warner ensaia-se uma perspectiva do livro ao longo das próximas décadas. Inicialmente, em 2020, o livro é idealizado como algo que apresenta um funcionamento muito semelhante aos dispositivos eletrônicos com sistema Android ou iOS, no entanto serve funções distintas daquelas que conhecemos hoje, combinando as redes sociais com o conceito de livro digital. Já a meio das suas previsões, Warner descreve o livro como um videogame, onde alimentamos e treinamos os autores; o mundo virtual passará a ser vivido de uma outra forma, através de simulações de realidade virtual que nos podem transportar para uma biblioteca para experienciar a leitura dos livros de uma nova forma; o livro impresso irá acabar por se tornar numa raridade, de tal forma que as livrarias desaparecerem por completo. No fim das previsões, entre 2070 e 2080, a imaginação do autor deste artigo leva-nos para um mundo distante e difícil de idealizar, onde os robôs e a inteligência artificial lideram as nossas vidas e o livro impresso resume-se a uma fragância, pois só o seu cheiro é lembrado, não existindo mais nenhuma prova da sua existência.

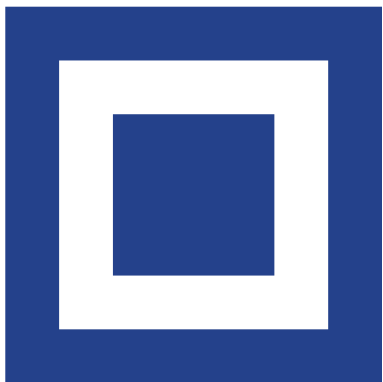
“Instead of stagnant words on a page we will layer video throughout the text, add photos, hyperlink material, engage social networks of readers who will add their own videos, photos, and wikified information so that these multimedia books become living, breathing, works of art. They will exist on the Web and be ported over to any and all mobil devices that can handle multimedia, laptops, netbooks, and beyond.”

(Adam L. Penenberg, 2009)

---

Segundo Adam L. Penenberg, na plataforma digital ‘*Fast Company*’, o futuro do livro não irá ser o livro digital, *e-book*, porque o livro precisa de ser mais do que apenas texto no ecrã de um aparelho eletrónico. Podemos esperar muito mais do livro e das suas inúmeras possibilidades; a inserção de conteúdo multimédia nos livros, como entrevistas ou mapas interativos, é uma realidade em poucos livros digitais, mas no futuro a presença de informação adicional poderá ser uma constante. 

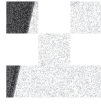
Unir ao capítulo #1



Unir ao capítulo #4

“You get the full book—all the words on the page or screen—but you also get so much more. And ask yourself: Which would you rather have, the hardcover book of today or this rich, multimedia treatment of the same title?”

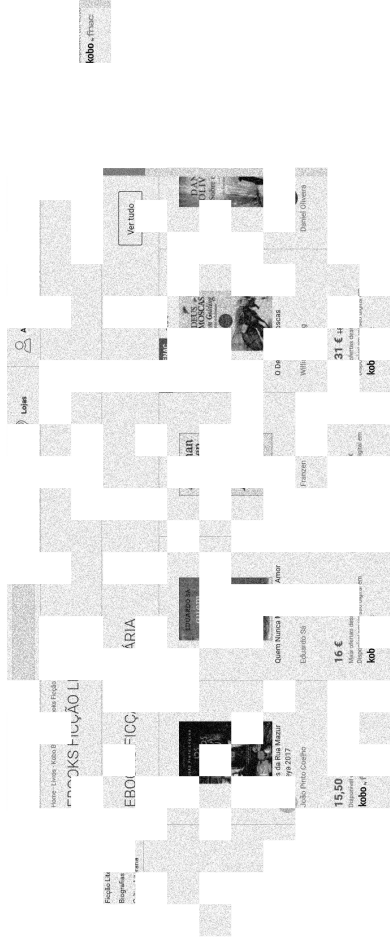
(Adam L. Penenberg, 2009)



A necessidade de procurar e de ter informação adicional ao texto que lemos advém da nossa interação com as plataformas digitais e da forma como tudo está ao nosso alcance no mundo virtual. O fascinante futuro do livro abre imensas hipóteses tanto aos criadores, que deixam de ser apenas os autores dos textos, e aos responsáveis pela criação da interação nos livros, como aos próprios leitores que podem adquirir novos conhecimentos através da experimentação de uma nova forma de leitura.

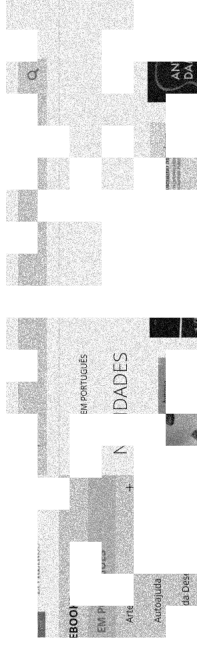
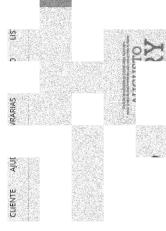
## - Onde Encontrar os Livros Digitais -

Os livros digitais podem ter diferentes formatos, o que os torna fáceis de encontrar no mundo virtual. Ao longo de uma pesquisa em qualquer navegador de internet conseguimos ter acesso a uma vasta gama de livros disponíveis para *download*, sejam estes gratuitos ou pagos.



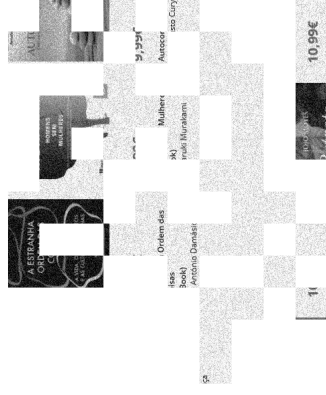


Através das lojas virtuais de livrarias convencionais, também podemos encontrar à venda *e-books*, por exemplo, na FNAC ou na Bertrand. No entanto, existem outras formas de obter os livros eletrónicos, sejam estes adquiridos por intermédio de lojas patentes nos aparelhos eletrónicos (cada leitor digital possui uma loja específica; se o sistema operativo for Android, a loja '*Google Play*' tem uma categoria para a venda de livros e se for iOS a loja virtual '*iBooks*' disponibiliza desde obras clássicas aos mais recentes *bestsellers*), ou por *download* gratuito em plataformas que disponibilizam um vasto repositório de livros que se tornaram domínio público (exemplo disso é a plataforma do Projeto Gutenberg).





A propagação crescente de livros digitais entre os leitores aumentou exponencialmente a segurança destes ficheiros em suporte digital. As editoras desenvolveram formas de proteger os livros vendidos virtualmente da pirataria, através da aplicação do DRM (*Digital Rights Management*), uma tecnologia contra as cópias ilegais de conteúdos em meios digitais. As editoras ou lojas virtuais que vendem e-books em formato PDF utilizam uma função da *Adobe* que exige uma identificação, permitindo a leitura de cada livro em seis dispositivos diferentes. Esta particularidade pode ser encontrada em outros formatos, no entanto nem todos os livros digitais possuem uma proteção DRM contra a pirataria, estando deste modo sujeitos à utilização e bom senso de cada leitor.



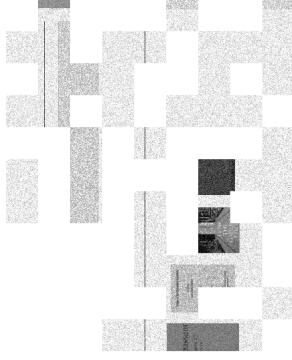
## - Projeto Gutenberg e Google Livros -

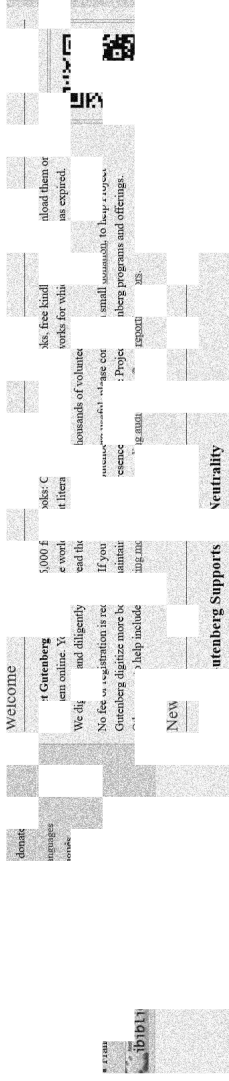
### - Projeto Gutenberg -

O projeto Gutenberg, o primeiro repositório de livros em formato digital no mundo virtual, foi criado em 1971 por Michael Hart e desde o início tem como missão – “*To encourage the creation and distribution of e-books*” (Incentivar a criação e distribuição de *e-books*).

Os livros disponíveis nesta plataforma, que se converteu numa organização sem fins lucrativos, são fornecidos gratuitamente aos leitores, porque os direitos de autores expiraram, ou são dados como domínio público pelos próprios autores.

Os livros digitais presentes nesta plataforma estão em diferentes formatos, desde o simples texto em HTML ao ePUB. Uma característica deste projeto é que o leitor não tem de ter um registo para ter acesso aos livros, pois





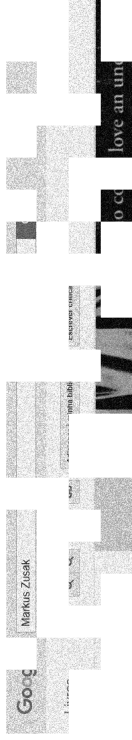
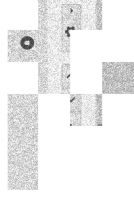
são disponibilizados como um serviço público, isto é, o leitor é livre de procurar e optar pelo livro que quiser no formato que pretender sem nenhuma restrição de tempo para a leitura.

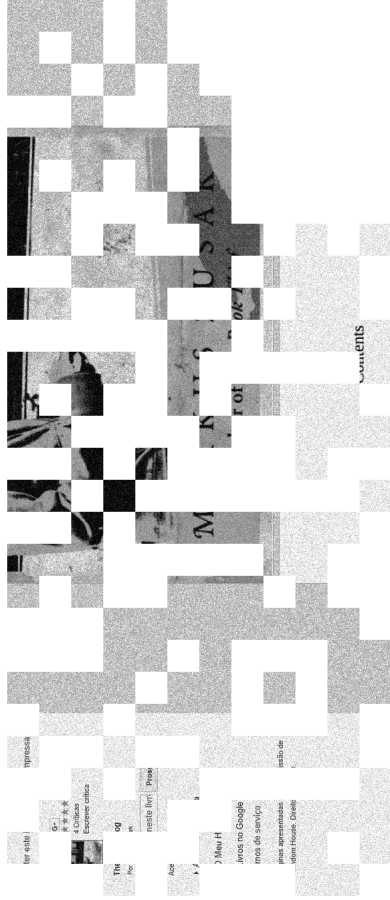
Para além de diferentes formatos em suporte digital, esta plataforma também oferece os livros em diversos idiomas, desde o português, o chinês ou o latim. A plataforma está dividida em categorias para uma pesquisa mais intuitiva e de forma a que o utilizador encontre o livro desejado, porém, também sugere a leitura de algumas obras e anuncia as mais recentes aquisições disponíveis para o leitor.

- Google Livros -

A junção das novas tecnologias com o tempo limitado para a leitura de livros potenciou a criação de mais um projeto, o *Google Books*, que à semelhança do projeto referido anteriormente pretende criar uma biblioteca digital gigante; esta, associada ao maior motor de pesquisa do mundo, eleva a ideia de acessibilidade do conhecimento de uma forma mais imediata e garantida.

Aliás, este serviço prestado pelo Google, mais do que um repositório de livros, serve como motor de pesquisa, na medida em que sugere ao leitor onde pode comprar ou encontrar o livro desejado, quer dentro do universo virtual ou num espaço físico mais próximo do utilizador.





Este serviço que o *Google* presta encontra-se também disponível para telemóveis e *tablets* através da aplicação (*Google Play Livros*) que pode ser descarregada para sistemas Android e iOS, permitindo ao leitor o acesso a inúmeras obras literárias, na sua totalidade ou parcialmente, que podem ser disfrutadas em qualquer lugar a partir dos dispositivos móveis.





## - Referências -

ALTENA, Arie. (2007). *Pixel and Ink. The Mag.net reader 2: Between Paper and Pixel*. Alessandro Ludovico et al. (ed.), Bari: OpenMute

AMAZON. (2018). *Kindle E-Reader*. Disponível online em <URL: <https://www.amazon.com/Amazon-Kindle-eReader-6-Inch-Touchscreen/dp/B00ZV9XP2/>>

GOOGLE BOOKS. (2017). *About Google Books*. Disponível online em <URL: <https://www.google.com/googlebooks/about/>>



L. PENENBERG, Adam. (2009). *Forget E-Books: The Future of the Book Is Far More Interesting*. Disponível online em <URL: <https://www.fastcompany.com/1493951/forget-e-books-future-book-far-more-interesting/>>

PROJECT GUTENBERG. (2014). *About*. Disponível online em <URL: <https://www.gutenberg.org/wiki/Gutenberg:About/>>

WARNER, James. (2011). *The Future of Books*. Disponível online em <URL: <https://www.mcsweneys.net/articles/the-future-of-books/>>

## IMAGENS:

### iBooks

Disponível online em <URL: <https://www.apple.com/pt/ibooks/>>

### Kindle

Disponível online em <URL: <https://www.amazon.com/Amazon-Kindle-eReader-6-Inch-Touchscreen/dp/B00ZV9XP2/>>

### Fnac

Disponível online em <URL: <https://www.fnac.pt/livros/eBooks-Ficcao-Literaria/Kobo-By-Fnac/s1193577#int=S:Literatura e Fic%C3%A7%C3%A3o|Kobo By Fnac|1193577|NonApplicable|BL1|NonApplicable/>>

## Bertrand

Disponível online em <URL: <https://www.bertrand.pt/arvoretematica/ebooks-em-portugues/11708x11709/P/>>

## Google Livros

Disponível online em <URL: <https://books.google.pt/books?id=0wNDV8en3xoC&printsec=frontcover&dq=Markus+Zusak&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwiCmlyY7ZjZAhWEJFAKHaxJCvMQ6AEIMTAB#v=onepage&q=Markus%20Zusak&f=false/>>

## Project Gutenberg

Disponível online em <URL: [https://www.gutenberg.org/wiki/Main\\_Page/](https://www.gutenberg.org/wiki/Main_Page/)>





- PLATAFORMA DIGITAL -

<https://tinyurl.com/plataforma-fragmento/>

- #4 CAPÍTULO -

FRAAG

MEH

TO

#4

A LEITURA



உள்ளுள்ளு

மேலே

உள்ளு





## - Introdução -

O #4 capítulo da publicação 'Fragmento' aborda a leitura e a sua importância para o nosso desenvolvimento, pois é através da leitura que acedemos às informações de tudo o que nos rodeia.

Os hábitos de leitura têm-se alterado ao longo dos tempos, tanto no que diz respeito ao suporte, como em termos de quantidade. A quantidade de texto que lemos tem aumentado, embora os mais conservadores possam duvidar desta afirmação, nomeadamente, porque o uso diário de dispositivos móveis aumentou, assim como todo o ruído visual que nos rodeia. Contudo, a quantidade apenas por si só não significa qualidade, antes pelo contrário. O nosso tempo útil para desfrutar de um livro com calma, sem azáfama ou sem a interferência de elementos exteriores ao texto e à experiência de leitura, tem vindo, de facto, a diminuir.

O resultado da leitura deveria ser a experiência que retiramos do texto e as informações que o autor do mesmo pretende comunicar. Como tal, não deveríamos perder a nossa atenção em pormenores técnicos que os suportes por vezes nos apresentam.

Outro aspeto em análise é a preferência do leitor. Para aferir essa tendência será necessário saber se o livro digital, por oferecer oportunidades únicas de leitura e uma leitura mais rápida, é o escolhido, ou se o livro impresso continua a ser o eleito por nos transmitir conforto e nos ser familiar.



## - Índice -

- 06 ▪ LER MAIS
- 15 ▪ ONDE LEMOS
- 20 ▪ FINALIDADE DA LEITURA
- 25 ▪ REFERÊNCIAS

## - Ler mais -

"I want to stress that most children are still medium and heavy book readers, but what we're seeing is a really significant rise in the number of occasional and even non-readers in the children's market."

(Jo Henry, 2017)

---

No estudo de Jo Henry, que lidera o *'Nielsen Book Research Service'* (empresa que analisa e monitoriza, nos EUA e no Reino Unido, o mercado dos livros através do consumo e comportamento de compra de livros), apresentado no jornal *'The Guardian'*, verifica-se que as crianças continuam a ler livros pelo prazer da leitura e não por obrigação escolar de uma forma diária. Ler, para as crianças do estudo, continua a ser a segunda atividade preferida; à sua frente, só mesmo ver televisão. No entanto, o mais preocupante é o período semanal que as crianças passam em frente aos ecrãs a jogar ou em redes sociais, em vez de se dedicarem à leitura ou de participarem noutras atividades lúdicas.





Neste estudo, retrata-se, igualmente, o facto de as novas tecnologias poderem ser ferramentas para despertar o interesse das crianças pelos livros. Por exemplo, os vídeos que as crianças consomem em abundância nos aparelhos eletrónicos, podem transformar-se numa espécie de clube do livro que faculta a descoberta e a partilha através da leitura.

O artigo do jornal termina com uma ideia otimista: não estamos a deixar de ler na totalidade, mas em menor quantidade. Ao aliarmos as tecnologias que dispomos aos livros podemos aumentar o hábito de leitura e transformá-lo em algo constante, como o de estar ligado às redes sociais.

“We all hoped the attraction of digital reading would bring lighter readers into the market. But they're still less likely than the heavier-reading teenagers to be reading e-books and apps.”

(Jo Henry, 2017)

—

Todos os estudos revelam que, de uma forma geral, estamos a ler cada vez menos, tanto em formato digital como impresso. A leitura está a ser posta em causa ao longo dos anos, quer pelos mais novos, quer pelos mais velhos. As distrações do mundo de hoje são variadas pois estamos rodeados de ruído auditivo e visual, e os aparelhos eletrónicos como os telemóveis ou os computadores estão sempre perto de nós mesmo quando tentamos dedicar mais tempo e atenção a um livro.



Alicja Gescinska escreve para o *'The Brussels Times'* sobre o facto de se ler cada vez menos, uma realidade comprovada por vários estudos nos últimos anos. A autora começa por considerar que a falta de leitura contribui para uma perda de concentração, por isso reitera a importância que os livros têm no estímulo da criação e da imaginação.

No entanto, conclui que a concentração nos dias de hoje é uma tarefa complicada devido ao estímulo constante dos inúmeros aparelhos eletrónicos que temos ao nosso redor.


“Reading is an exercise in concentration, and such an exercise is of great importance, for those who are better able to focus, are better equipped to make it in life. Concentration is a necessary precondition of creativity and creativity is in turn necessary to do things that really make a difference.”

(Alicja Gescinska, 2017)

---



Alicja aborda, igualmente, a forma como a literatura nos influenciou ao longo dos anos, por exemplo, na maneira como socializamos. A autora chega mesmo a referir que a leitura de bons livros melhora a nossa capacidade de empatia com os outros, porque desenvolve a capacidade de compreender quem nos rodeia.

A leitura facilita, ainda, o desenvolvimento e a melhoria da utilização da linguagem, numa língua materna ou estrangeira. Alicja conclui que a leitura é uma fonte de benefícios para a vida. 

“Philosophers, writers and lovers of literature have known this for ages, and now there is also increasing scientific evidence to support it: books make us better.”

(Alicja Gescinska, 2017)

---



“Se os resultados na literacia de leitura dependessem apenas do gosto que as crianças têm em ler, Portugal não estaria no final da tabela mas nos lugares cimeiros. É que, mais uma vez, os alunos portugueses apresentaram o índice mais alto do gosto pela leitura (e até subiu face a 2011), com 72% a darem a indicação de gostam muito de ler.”

(Expresso, 2017)

---

No jornal ‘Expresso’, Isabel Leiria revela que os alunos portugueses pioraram na leitura, embora continuem a ser os que mais gostam de ler, o que não deixa de ser uma visão intrigante sobre a forma como hoje em dia desvalorizamos a leitura, a começar pelos mais novos. Este artigo tem como base um estudo feito por uma organização não-governamental, a *International Association for the Evaluation of Educational Achievement*, que averigua o estado em que os alunos de cada país se encontram e quais os pontos fortes e as fragilidades que apresentam em comparação com outros.

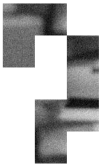






Deduz-se, então, que apesar das crianças e dos adultos preservarem os seus hábitos de leitura e o gosto pelos livros, o ruído tecnológico que os circunda afecta a concentração e a dedicação à leitura.

Por sua vez, no artigo de Hannah Sander – “*How could I read more books?*” –, publicado na plataforma online ‘*BBC News*’, listam-se diversas personalidades que afirmaram ter lido uma considerável quantidade de livros ao longo das suas vidas, em contraste com outras que não conseguem comprometer-se com a leitura.



“What is ‘action’ when we speak of reading a book? The very nature of the book requires action; in a sense the concept is redundant, as reading, in itself, is not inactive. Here the concept of ‘action’ can be related to the form of traditional and non-traditional books. The history of different forms will attest to this: scrolls, codexes, toy books, and more, as will various forms of publishing, DIY books, colouring books, and others, that inspire us to create alternatives that consciously use action to design the experience of reading.” \*

1

- LIMITS OF READING – THE BOOK IN ACTION  
- BY KATHERINE GILLIESON



Ao longo do texto são descritos vários exemplos, no entanto o caso de Tony Buzan – escritor e inventor inglês, responsável pela invenção de mapas mentais – destaca-se pela dedicação e empenho que colocou no estudo do cérebro e pela forma como o treinou para se tornar mais rápido na leitura de livros. Os ensinamentos que Buzan transmite para qualquer pessoa se transformar num leitor mais rápido são: aprender a usar os olhos para aumentar a velocidade de leitura (o foco); ter uma boa forma física para o cérebro ter mais oxigénio; conseguir memorizar capítulos ou até mesmo livros inteiros; ler mais sobre o funcionamento do cérebro; criar um grupo de leitura especializado na leitura rápida e estudar com outras pessoas.

2\* *"The idea of action is not about whether we must 'do something' to get at the reading; in fact, all reading requires some form of action, from grabbing a book off the shelf, to flipping open the cover, to turning the pages. There are also the crucial acts of choosing to read one page rather than another, or choosing not to read; and, of course, there are the more obvious of removing the book jacket or looking at fold-outs."*



Após a pesquisa e a leitura de diferentes artigos críticos podemos deduzir que a leitura de livros em suporte impresso ou digital é menor do que qualquer leitor desejaria, na maioria das vezes, devido à abundância de tarefas que preenchem a vida quotidiana, o que por seu turno converte os verdadeiros momentos de leitura num prazer que poucos têm o luxo de usufruir.



Unir ao capítulo #3

Unir ao capítulo #2

## - Onde Lemos -

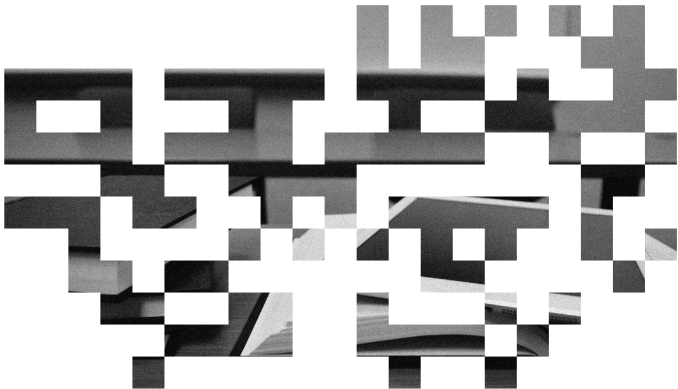
Importa ressaltar que o espaço físico onde nos encontramos para desfrutar da leitura não é o que se pretende averiguar, mas sim qual o suporte onde preferencialmente lemos. O que sustém o texto que lemos? O texto concretiza-se em suporte digital ou impresso, e nós como leitores optamos diariamente entre um e outro.

Ao que tudo indica, segundo os últimos estudos realizados, os mais jovens preferem cada vez mais o livro impresso ao livro digital. A explicação para este facto pode estar relacionada com o tempo despendido em torno dos dispositivos eletrónicos e da necessidade atual de combater esse ruído. A melhor forma de nos distanciarmos do mundo digital é a leitura de um livro impresso que nos faça focar no seu conteúdo e abstrair das distrações externas.





Esta constatação tem por base um estudo da autoria do grupo *'Nielsen Book Research UK'* que comprova a descida na venda de *e-books* entre 2015-2016 e, consequentemente, o aumento na venda de livros impressos no Reino Unido. Além da evidente queda de vendas dos *e-books* é, também, afirmado nesta análise apresentada pelo jornal *'The Guardian'* que os leitores preferem ler os livros eletrónicos em aparelhos 'multifunções', como os telemóveis ou os *tablets*, do que em dispositivos dedicados apenas à leitura (*e-readers*).



“But there is a more subtle form of action at the heart of our interaction with a book: the eye pauses and skips over lines of text, glances back and forth over illustrations, endnotes, and other parts that draw attention. The design of the book is a compendium of strategies; structural elements that help, hinder, or guide the reader onward. Some of these action – oriented structures are inherent in the text and image, and conscious; others are standards of book design rooted in the history of the book. Here we can speak of structural elements such as page numbers, indexes, and running heads, etc. as parts that support the act of reading.” 3\*



Outra pesquisa realizada pelo ‘*Pew Research Center*’ na América mostra um panorama muito semelhante ao do estudo *Nielsen*, onde os livros impressos continuam a ser mais populares do que os *e-books* ou os audiolivros.

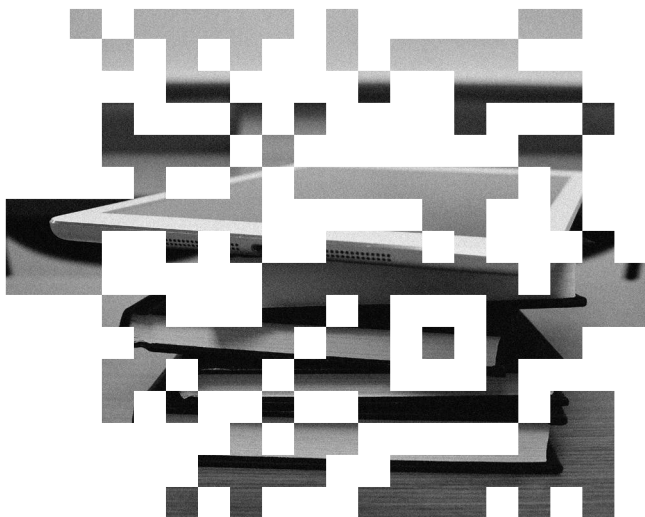


"Before looking at books that consciously engage action or performance in book design, we might take a moment to examine at 'cover' action already embedded in the act of reading. In other words, let us dispel some myths about reading straight away. Firstly, the book does not convey information all on its own; as literacy critics argue (and designers ought to know), the book requires an act for the text to become 'actualised'. Iser spoke of the event of reading as well: clearly, this action is an integral part of the experience of text. Secondly, the idea that we all understand the same things when reading the same book is not quite right – this straw man is sometimes erected to justify odd yet weak design solutions that make reading more challenging, for whatever reason. There is no universal constant, but the postmodern alternative of infinite multiplicities in meaning is also a bit of an exaggeration! The truth about how we read probably lies somewhere in between these two absurd extremes: all readers make their own way through a book, but there are general ways of reading, and average approaches to conventional forms." <sup>4</sup>\*





A escolha torna-se pessoal e circunstancial, isto é, está dependente do meio que nos rodeia; se estivermos numa sala de espera e desejarmos ler um livro o nosso telemóvel será o suporte preferencial para a leitura, se não dispusermos de um livro impresso. No meio académico verifica-se uma maior abundância de livros digitais do que impressos. Embora as bibliotecas continuem a ser fundamentais para os estudantes, a grande maioria recorre aos livros eletrónicos, por motivos financeiros ou por serem mais acessíveis e fáceis de transportar.



## - Finalidade da Leitura -

O propósito fundamental da leitura é ajudar a compreensão, auxiliando a conectar as ideias expostas no texto que lemos com aquilo que já sabemos, criando um conceito mental sobre o tema. A capacidade de compreensão requer motivação por parte do leitor. Quando tentamos ler um tema que desconhecemos a leitura torna-se uma tarefa mais árdua e a nossa concentração tende a dispersar-se com facilidade.

A experiência da leitura é o que conseguimos reter do texto. Uma agudizada capacidade de compreensão redonda numa mais ampla memorização do conteúdo do texto.





Os bons leitores são aqueles que alcançam três condições fundamentais para o sucesso: atenção, concentração e eficácia, atingindo um nível de conhecimento lógico e veloz que os permite identificar e criar soluções.

*"In discussing 'action' in the book, we must therefore take account of the fourth dimension of the object – the element of time involved in reading, which is not inherent in the material object but in the reader. How do we measure or account for time in the reader's progress through a book? There are perhaps some clues in the layout itself: a more sequential, linear text might lead the reader onward; a more 'open' and variegated text might propose shorter interrogations. The conventional form of the book will indicate whether it is meant for quick consultation (a snapshot in time) or for a more leisurely sequential reading. To discuss the element of time properly, the hiccup caused by turning the page in a sequential reading needs a name. The act of flipping back and forth, interrogating an index or an endnote, might also need one. Beyond these typical time-based events, however, there is the possibility of more experimental approaches."*

5\*



A leitura estimula, também, a nossa imaginação através da criação de cenários, personagens e diálogos mentais que motivam o desenvolvimento de um mundo fantasioso, sempre diferente, de leitor para leitor. Por vezes, ao ler um livro de ficção-científica ou um romance temos o impulso de imaginar a personagem da forma que nos é descrita, mas acrescentamos sempre características que não estão escritas no texto, como por exemplo a voz.



*"There are much more complex kinds of books that engender a particular kind of action, as well: we can include dictionaries, encyclopaedias, catalogues, as well as phone books and other guides in this category. Here the user (is it a reader, or a user?) is obliged to read in a more precise and considered way, and possibly much shorter style of interrogation. This is the act of reading in its purest strategic sense: rapid and focused."*

9\*



Desde cedo que a leitura nos ensina a entender o mundo – as crianças começam a ler e a compreender melhor o que as rodeia, já os adultos desenvolvem a percepção da experiência humana. Só, assim, conseguimos responder às mais variadas questões sobre nós, como conviver em harmonia, e sobre o mundo que nos circunda.



## - Referências -

BBC NEWS (2016). *How could I read more books?*  
Disponível online em <URL: [http://www.bbc.com/news/magazine-35261648/](http://www.bbc.com/news/magazine-35261648)>

EXPRESSO (2017). Alunos portugueses pioraram a leitura mas continuam a ser os que mais gostam de ler. Disponível online em <URL: <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2017-12-05-Alunos-portugueses-pioraram-a-leitura-mas-continuam-a-ser-os-que-mais-gostam-de-ler/>>

PEW RESEARCH CENTER (2016). *Book Reading 2016*.  
Disponível online em <URL: <http://www.pewinternet.org/2016/09/01/book-reading-2016/>>

THE BRUSSELS TIMES (2017). *Better Through Books: Why is our new generation reading less?* Disponível online em <URL: <http://www.brusselstimes.com/opinion/9593/better-through-books-why-is-our-new-generation-reading-less/>>

THE GUARDIAN (2013). *Children's reading shrinking due to apps, games and YouTube*. Disponível online em <URL: <https://www.theguardian.com/technology/appsblog/2013/sep/26/children-reading-less-apps-games/>>

## TEXTO:

- *LIMITS OF READING – THE BOOK IN ACTION*  
BY KATHERINE GILLIESON -

GILLIESON, K. (2008) *Limits of reading – the book in action*. In: Hübner, M. and Klanten, R. (eds.) *Fully Booked: Cover Art and Design for Books*. Gestalten, Berlin.







- PLATAFORMA DIGITAL -

<https://tinyurl.com/plataforma-fragmento/>

- UNIÃO DOS FRAGMENTOS -

## - As suas características -

O que caracteriza o livro impresso é simultaneamente aquilo que o torna um objeto de consumo e de desejo – a sua capacidade de renovação e de dar resposta a todos aqueles que já previram a sua morte no passado e continuam, ainda assim, a anunciá-la para o futuro.




-1-

Os livros são infinitos: apesar de serem objetos impressos que se fecham e concluem uma narrativa, permitem-nos interpretar o texto sem limites, sem barreiras tecnológicas que se opõem à leitura; e deixam-nos apreciar e pensar sem impedimentos, concedendo-nos através da sua leitura a sensação de liberdade.

20

\*Instead of stagnant words on a page we will layer video throughout the text, add photos, hyperlink material, engage social networks of readers who will add their own videos, photos, and wikified information so that these multimedia books become living, breathing, works of art. They will exist on the Web and be ported over to any and all mobile devices that can handle multimedia, laptops, netbooks, and beyond.\*

(Adam L. Penenberg, 2009)

Segundo Adam L. Penenberg, na plataforma digital *Yar Company*, o futuro do livro não irá ser o livro digital, *e-book*, porque o livro precisa de ser mais do que apenas texto no ecrã de um aparelho eletrónico. Podemos esperar muito mais do livro e das suas inúmeras possibilidades; a inserção de conteúdo multimédia nos livros, como entrevistas ou mapas interativos, é uma realidade em poucos livros digitais, mas no futuro a presença de informação adicional poderá ser uma constante. 

Unir ao capítulo #3

Unir ao capítulo #1

Unir ao capítulo #2

Unir ao capítulo #1

Unir ao capítulo #4

Unir ao capítulo #2

Unir ao capítulo #4

Unir ao capítulo #3

## - Editoras Independentes -

As editoras *indie* ou *small press* referenciadas, seguidamente, são uma amostra de possíveis editoras que existiram e as que podemos, ainda hoje, encontrar no mercado dos livros independentes. Retratar e entender como surgiram e quais os aspetos que as definem e, acima de tudo, o que procuram transmitir através dos seus conceitos editoriais, isto é, as escolhas que fizeram para a produção e as opções que tomaram no que diz respeito aos autores e aos artistas.

- &Etc -

A editora &Etc foi fundada, em abril de 1974, por Vitor Silva Tavares – que foi o seu principal editor. Com o falecimento de Tavares em 2015, os sócios da editora decidiram encerrar a atividade editorial, mas os livros existentes até então continuam a ser vendidos pela Livraria Letra Livre.

19

## - Onde Lemos -

Importa ressaltar que o espaço físico onde nos encontramos para usufruir da leitura não é o que se pretende averiguar, mas sim qual o suporte onde preferencialmente lemos. O que sustém o texto que lemos? O texto concretiza-se em suporte digital ou impresso, e nós como leitores optamos diariamente entre um e outro.

Ao que tudo indica, segundo os últimos estudos realizados, os mais jovens preferem cada vez mais o livro impresso ao livro digital. A explicação para este facto pode estar relacionada com o tempo despendido em torno dos dispositivos eletrónicos e da necessidade atual de combater esse ruído. A melhor forma de nos distanciarmos do mundo digital é a leitura de um livro impresso que nos faça focar no seu conteúdo e abstrair das distrações externas.

15

- PLATAFORMA DIGITAL -

LINK:

<https://tinyurl.com/plataforma-fragmento>

# FRAG MEN TO



---

[O LIVRO MATERIAL](#)

---

[AS EDITORAS](#)

---

[O LIVRO DIGITAL](#)

---

[A LEITURA](#)

---

## SOBRE

Esta plataforma digital explora a ideia de um fragmento que liga e completa uma publicação impressa; pode ser vista em simultâneo com o objeto impresso, assim como individualmente, procurando novos conteúdos e ligações. O objeto editorial com o mesmo nome, 'Fragmento', explora o que é o livro, tanto a nível textual (os textos e os excertos apresentados na publicação) como visual (a forma de impressão e produção do livro) e o que este pode vir a ser no futuro.

